



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras



JAQUELINE PRESTES DE SOUZA

**THEODORE ROOSEVELT E A AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE SOBRE O DISCURSO
PRESENTE NAS OBRAS “NAS SELVAS DO BRASIL” E “O RIO DA DÚVIDA”**

**PORTO VELHO
2013**



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras



JAQUELINE PRESTES DE SOUZA

**THEODORE ROOSEVELT E A AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE SOBRE O DISCURSO
PRESENTE NAS OBRAS “NAS SELVAS DO BRASIL” E “O RIO DA DÚVIDA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia, como requisito à obtenção ao grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Nenevé

PORTO VELHO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

S7293t

Souza, Jaqueline Prestes de

Theodore Roosevelt e a Amazônia: uma análise sobre o discurso presente nas obras "Nas selvas do Brasil" e "O rio da dúvida" / Jaqueline Prestes de Souza. Porto Velho, Rondônia, 2013.

67f. :il.

Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Nenevé

1. Amazônia 2. Expedição 3. Roosevelt-Rondon 4. Pós-colonialismo I. Nenevé, Miguel II. Título.

CDU: 81'42

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947



Fundação Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras



Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR, no dia 09 de maio de 2013 para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Título: “Theodore Roosevelt e a Amazônia: Uma análise sobre o discurso presente nas obras *Nas selvas do Brasil* e *O rio da Dúvida*”

Odete Burgeile
(Coordenadora do Programa conforme Portaria nº 104/2013/GR),

BANCA

MIGUEL NENEVÉ, Dr
(Professor Orientador/UNIR)

NAIR FERREIRA GURGEL DO AMARAL, Dr^a
(Professora Membro - UNIR)

HÉLIO RODRIGUES DA ROCHA, Dr
(Professor Membro externo ao PPGL)

DANTE RIBEIRO DA FONSECA, Dr
(Professor Membro externo ao PPGL - Suplente)

RONDÔNIA - 2013

RESUMO

Nossa pesquisa, em linhas gerais, objetiva alcançar a compreensão do modo em que foi moldado o discurso colonizador presente nas obras *O Rio da Dúvida*, de Candice Millard, e *Nas selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt, e tentar desconstruí-lo à luz das ideias pós-coloniais, vistas como um resgate das vozes silenciadas naquele discurso colonizador. Como o discurso opressor vem sendo estruturado ao longo dos séculos? Como ele vem se repetindo para refletir uma visão embaçada da realidade da colônia? Quais os interesses de quem constrói estes sofismas? Como trazer à tona a realidade vivida pelos colonizados? Por se tratar de uma expedição realizada na Amazônia, aonde vivemos, nossa ideia é tentar promover uma discussão sobre o que tem sido dito e escrito sobre a região, trazer ao conhecimento dos povos amazônicos as ideias que foram e continuam sendo produzidas sobre o “pulmão do mundo”, numa oportunidade de fazer um contra-discurso à falácia, uma resposta às supostas verdades estabelecidas pelo estrangeiro. Para tanto, buscamos suporte principalmente nos autores Pós-Coloniais para elucidar estas questões, através de extensa pesquisa bibliográfica, e análise de arquivos pertinentes à expedição. A partir das leituras Pós-Coloniais, será possível estudar o comportamento colonialista do ex-presidente em relação aos seus relatos sobre o que viveu durante a viagem. Por fim, teceremos algumas considerações sobre o discurso produzido e sua relação com a Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Expedição Roosevelt-Rondon; Pós-Colonialismo.

ABSTRACT

In this research we aim at exploring the way in which the colonizer discourse was molded in the works *The River of Doubt*, by Candice Millard, and *Through the Brazilian Wilderness*, by Theodore Roosevelt; We propose to deconstruct this discourse with the support of postcolonial ideas which suggest the possibility to listen to the voices silenced by colonizer discourse and attitudes. How oppressive has the discourse been structured over the centuries? How has it been repeated to reflect a blurred vision of the reality in the colony? What are the interests of those who produce these sophistries? How to bring out the reality experienced by colonized? Because this was an expedition conducted in the Amazon, where we live, our idea is to try to promote a discussion on what has been said and written about the region, presenting to Amazonian peoples some of the ideas that have been and continue to be produced on the “world’s lung”. We argue that this is an opportunity to make a counter-discourse to the fallacy, a response to the alleged truths established by foreigners. Postcolonial scholars have helped to clarify these issues of discourse the place and the time it is produced. Besides, extensive literature research, and analysis of relevant files of the expedition was important for our understanding of the whole expedition. From Postcolonial readings it will be possible to study Roosevelt’s colonial behavior regarding his stories about the trip. Finally, we will make some considerations about the discourse produced and its relationship with Amazon.

Keywords: Amazon; Roosevelt-Rondon Expedition; Post-Colonialism.

**Ao meu esposo, Valmir, pela força e apoio sempre dados nas horas mais
difíceis, e também por sempre me motivar a buscar o melhor.**

À minha pequena Valentina, motivo do meu orgulho e amor incondicional.

**À minha querida mãe, Terezinha, por sempre ter me incentivado a estudar e
alcançar objetivos maiores, e à minha irmã, Ana Letícia.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pelo dom da sabedoria, todos os dias de minha existência.

À minha família, por ter prestado tanto apoio moral e sentimental, compreendendo minhas ausências e auxiliando das mais diversas formas. Regina, Almir, Virgínia, Benícia, Rosângela e Júnior, Fátima e Pablo, Rogério e as crianças Rebeca, André e João, compartilho esta minha felicidade com vocês.

Aos amigos, presentes e distantes, por se preocuparem e acompanharem minhas aflições nesta caminhada: Nara, Barbara, Vanessa e Diego.

Às amigas de caminhada na Unir, Aline e Cristiane, por sempre incentivarem a busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento, esta conquista é nossa! Nair Gurgel e Ana Maria, por também nos incitarem a continuar nossa caminhada acadêmica na busca constante de um ideal. Alex Costa, por tantas ideias trocadas nestes últimos dois anos. Marco Dausen, pelos auxílios tecnológicos.

À querida Sirlaine que, em todos os momentos em que precisei, sempre se mostrou pronta a auxiliar com a minha formação acadêmica, e me dando forças para enfrentar algumas adversidades pelo caminho.

Aos amigos que fiz durante a viagem de pesquisa: Na Universidade do Novo México, Suzanne Schadl, que com tanto zelo me auxiliou a encontrar ótimas fontes de pesquisa, e sempre se mostrou muito solícita com esta pesquisadora visitante; Pauline Heffern, por me receber todas as manhãs com um sorriso e disposição em ajudar; Professora Margot Milleret, pela gentileza em me receber na Universidade. Em Massachussets, tenho muitíssimo a agradecer ao casal de amigos Owen e Ítala Keller, por ter nos acolhido tão bem em seu lar: esta experiência ficará para sempre guardada em minha memória! Ao Sr. Wallace Dailey Finley, curador da Coleção de Roosevelt na Universidade de Harvard que, desde o primeiro e-mail trocado, tão cordialmente me auxiliou, e se preocupou em saber se eu precisava de mais material para a pesquisa.

Ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, principalmente aos professores, pela formação especializada e pelos *insights* adquiridos durante as aulas. O saber que os senhores nos repassaram agora se materializam na conclusão desta pesquisa. Ao meu orientador, Prof. Miguel Nenevé, pela oportunidade de receber conhecimento e pela luz com que me guiou nesta nossa pesquisa.

“Não se pode dizer que o pequeno burguês não tenha lido nada. Ele, pelo contrário, leu tudo, devorou tudo. Seu cérebro funciona unicamente à maneira de alguns aparelhos digestivos de tipo elementar. Ele filtra. E o filtro não deixa passar senão o que pode alimentar a torpeza da boa consciência burguesa. Os vietnamitas, antes da chegada dos franceses a seu país, eram pessoas de cultura ancestral, diferente e refinada. Estes malgaxes, a quem se tortura hoje, eram, a menos de um século, poetas, artistas, administradores? Silêncio! A boca fechada! Felizmente restam os negros. Ah! Os negros! Falemos dos negros! Sim, falemos deles. Dos impérios sudaneses? Dos bronzes de Benin? Da escultura shongo? E falemos do que disseram, do que viram os primeiros exploradores... Não dos que comem nas estrebarias das Companhias! Mas dos Elbée, dos Marchais, dos Pigafetta! E depois de Frobérnius! Ah, Sabeis quem é Frobérnius? Leiamos juntos: "Civilizados até o tutano! A ideia do negro bárbaro é uma invenção europeia". O pequeno burguês não quer escutar nada mais. Com um bater de orelhas espanta a ideia. A ideia, esta mosca inoportuna.”
(Aimé Césaire)

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 O LÓCUS DA PESQUISA	15
1.1 O Rio da Dúvida e Nas selvas do Brasil	15
1.2 Rondon.....	17
1.3 Theodore Roosevelt	23
2 ESCOPO TEÓRICO	29
2.1 O Pós-Colonialismo como resgate das vozes outrora silenciadas	29
2.2 A construção do mundo não-europeu a partir dos relatos de viagem.....	32
2.3 A Amazônia inventada através dos relatos de viagem.....	35
3 O DISCURSO DE THEODORE ROOSEVELT REVISITADO SOB A LUZ DO PÓS-COLONIALISMO	37
3.1 Da descrição preconceituosa do colonizado.....	38
3.2 Da natureza inferiorizada pelo colonizador	42
3.3 De como a retórica colonialista opera para justificar o empreendedorismo colonial	44
3.4 Do caos em meio à selva	48
4 Considerações Finais	54
5 Referências	57
ANEXO	59

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho iniciou-se a partir do interesse gerado com a leitura do artigo *Olhares estrangeiros na Amazônia: 'Nas selvas do Brasil' revisitado. Uma leitura crítica do relato de viagem de Theodore Roosevelt à Amazônia brasileira*, publicado no livro *Olhares sobre a Amazônia* (2001), no qual o autor Juarez Sobreira expõe a viagem de Theodore Roosevelt à Amazônia, focando no aspecto ambiental desta parte da viagem. No citado artigo, Sobreira nos mostra como a viagem, mascarada pela nobre tarefa de contribuição à Ciência, na verdade expõe como o naturalista que Roosevelt alegava ser deleitou-se, juntamente com seu grupo de viagem, em terríveis carnificinas em nome das Ciências Naturais, ou seja, de coletar espécimes para o Museu Americano de História Natural.

Sabemos que Roosevelt era um amante da caça esportiva. Tal comportamento não era mal visto na época, ou seja, no início do século XX. Porém, estamos cientes de que, além de exercer seu esporte favorito, é possível entrever aí um interesse do colonizador americano, na figura de Theodore Roosevelt, em colher dados acerca da fauna e flora do *outro*, para explorar e obter informação e poder sobre o *outro/nós*. Tal prerrogativa faz parte do construto colonialista, como veremos adiante.

Baseado principalmente no mesmo livro que subsidia nossa pesquisa, *Nas selvas do Brasil*, Sobreira desvela, através do olhar Pós-Colonial, como as boas intenções da viagem revelaram possuir, de fato, os mesmos propósitos de outros estrangeiros presentes na Amazônia. É o estrangeiro que, amparado na suposta inocência de sua tarefa científica, qual seja, de contribuição à ciência, relata e pinta a Amazônia ao seu público doméstico, do modo como mais agrada a esta plateia: enaltecendo a natureza exótica e as imensas - e porque não, quase desumanas - dificuldades enfrentadas durante a jornada. Iremos mostrar ao longo deste trabalho como este discurso vem sendo repetido através dos séculos, quais as estratégias de escritura dos textos relativos a narrativas de viagem, como a ideologia colonialista deixa-se transparecer nestes relatos, entre outros aspectos.

A partir do conhecimento deste artigo, buscamos outros materiais relativos a esta viagem de Theodore Roosevelt para iniciar nossa pesquisa. Diversos livros já foram escritos no intuito de contar detalhes desta jornada: *My last chance to be a boy* (Minha última chance de ser menino), de Joseph Ornig, além de ser

frequentemente citada em biografias sobre Theodore Roosevelt. Duas obras despertaram nossa atenção: *O Rio da Dúvida*, de Candice Millard, e *Nas selvas do Brasil*, relato de próprio punho de Theodore Roosevelt, abarcando desde a jornada pelo interior do Paraguai e do estado de Mato Grosso até chegar à Amazônia e seu retorno ao lar, através de Manaus.

Para melhor aprofundar nossos conhecimentos acerca do objeto de pesquisa, realizamos entre os meses de maio e junho de 2012 uma visita ao país de origem do ex-presidente Theodore Roosevelt. Visitamos a coleção dedicada a ele localizada na Houghton Library, uma das bibliotecas da Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachussets. Com o apoio do Sr. Wallace Dailey Finley, que à época era o curador da referida coleção, tivemos acesso às fotografias originais da expedição, aos arquivos de jornais locais publicados à época da turnê sul-americana, aos originais das publicações na *Scribner's Magazine*, a qual publicou em capítulos os passos de Roosevelt na expedição, antes de se tornar o livro *Through the Brazilian wilderness* (1914), do qual consultamos a sua primeira edição, cartas pessoais entre Roosevelt e sua família, além de charges de seu período presidencial, livros raríssimos no Brasil, entre eles, *Conferências*, em que Rondon relata sobre a Expedição Roosevelt-Rondon, e muitos mapas, um dos quais nos chamou atenção por ser, aparentemente, o mapa pessoal de Theodore Roosevelt durante a viagem. Questionei ao curador, o Sr. Wallace se, de fato, aquele seria o mapa que Roosevelt levava consigo na expedição, e ele informou que, apesar de nos dados bibliográficos do mesmo não existir menção ao fato, analisando a caligrafia presente no mapa, o curador afirmou que aquela seria uma hipótese provável.

Visitamos ainda a biblioteca da Universidade do Novo México, com o apoio constante das bibliotecárias Suzanne Schadl e Pauline Heffern, e da professora Margot Milleret. O acervo referente ao ex-presidente era extenso, e contava com muitas microfilmagens de documentos e cartas, muitos livros e artigos referentes a Roosevelt, e, pelo fato de a Universidade possuir um núcleo de estudos latino-americanos, encontramos muitas obras brasileiras em seu acervo, incluindo vários títulos dedicados a Rondon, alguns também raros no Brasil.

Nossa viagem terminou com visitas a lugares relacionados ao ex-presidente. O Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, abriga um memorial inteiramente reservado a Roosevelt e suas contribuições àquele museu. Infelizmente, no momento da visita, este memorial encontrava-se fechado para

reforma, e obtivemos a informação de que os animais levados pela expedição para a coleção do museu estavam expostos nesse ambiente, o qual não pudemos conhecer.

Outro local no qual estivemos presente foi a casa onde Roosevelt passou boa parte de sua vida: Sagamore Hill, em Oyster Bay, distante cerca de uma hora de Nova Iorque. Neste local, que durante seu mandato era conhecida como a Casa Branca de verão da família Roosevelt, o ex-presidente recebia seus ilustres convidados do mundo inteiro. Nesta típica casa de campo, cercada de bosques e com uma enseada banhada pelo mar Atlântico aos fundos, foi possível compreender a afeição de Roosevelt pela vida ao ar livre. O local abriga também um memorial com muitas fotos ilustrando a vida de Roosevelt, vários pertences pessoais, incluindo o bastão pelo qual ficou famoso (*Big Stick*), vestimentas pessoais, como seu uniforme militar com o qual lutou na batalha de San Juan Hill, em Cuba, na guerra contra a Espanha, e vídeos sobre sua vida.

Todos estes fatos em muito contribuíram para o enriquecimento de nossa pesquisa e ampliação do conhecimento acerca de Theodore Roosevelt. Nossa pesquisa, em linhas gerais, objetiva buscar a compreensão do modo em que foi moldado o discurso colonizador presente nas obras analisadas, e tentar desconstruí-lo à luz das ideias pós-coloniais, vistas como um resgate das vozes silenciadas naquele discurso colonizador. Como o discurso opressor vem sendo estruturado ao longo dos séculos? Como ele vem se repetindo para refletir uma visão embaçada da realidade da colônia? Quais os interesses de quem constrói estes sofismas? Como trazer à tona a realidade vivida pelos colonizados?

Por se tratar de uma expedição realizada na Amazônia, aonde vivemos, nossa ideia é tentar elucidar ao público o que foi dito e escrito sobre a mesma, trazer ao conhecimento dos povos amazônicos as representações que foram e continuam sendo produzidas sobre o local, numa oportunidade de fazer um contra-discurso à falácia, uma resposta às supostas verdades estabelecidas pelo estrangeiro. É uma tentativa de refutar a falsa realidade construída sob a máscara da ciência, mas que na verdade carrega toda uma ideologia de ação imperialista na região. Para tanto, buscamos suporte principalmente nos autores Pós-Coloniais para elucidar estas questões, através de extensa pesquisa bibliográfica, e análise de arquivos pertinentes à expedição.

Na primeira parte deste trabalho, iremos apresentar um panorama das obras sob análise: *O Rio da Dúvida*, de Candice Millard, e *Nas selvas do Brasil*, de Theodore Roosevelt. Em seguida, uma breve biografia dos principais personagens da Expedição: o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (na época, ainda Coronel) e Theodore Roosevelt.

Na segunda parte há uma revisão da literatura Pós-Colonial que subsidia nossa pesquisa, e como estas ideias buscam resgatar a voz dos povos oprimidos. Na seção dedicada a apresentar o discurso dos viajantes cientistas europeus sobre os continentes além-mar, será possível observar que, desde o início das grandes conquistas, os povos e colônias europeias em todo o mundo foram, de alguma forma, apresentados através de um padrão sistemático de representação do outro, uma imagem que, em grande parte das vezes, descreve como os olhos europeus enxergam a cultura diferente da sua como inferior. Em seguida, veremos em especial como a Amazônia foi retratada através deste olhar colonizador ao longo dos séculos.

Na terceira parte passaremos a apresentar a visão de Theodore Roosevelt sobre os latino-americanos, a natureza e o espaço visitado. A partir das leituras Pós-Coloniais, será possível estudar o comportamento colonialista do ex-presidente em relação aos seus relatos sobre o que viveu durante a viagem. Por fim, teceremos algumas considerações sobre o discurso produzido e sua relação com a Amazônia.

1 O LÓCUS DA PESQUISA

1.1 O Rio da Dúvida e Nas selvas do Brasil

A primeira obra, escrita pela jornalista Millard em 2005, a qual é ex-editora da revista estadunidense *National Geographic*, reuniu uma extensa pesquisa de diários, cartas, notícias de jornal, documentos oficiais e relatórios científicos. Engloba desde a tentativa frustrada de Roosevelt em retornar à Casa Branca em 1912, o convite recebido pelo mesmo para realizar uma expedição à América do Sul, os preparativos da viagem, a recepção nos países visitados, o encontro com Rondon, à época ainda Coronel, com quem dividiu o comando da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, e finalmente, sua volta aos Estados Unidos.

Em *Nas selvas do Brasil*, Roosevelt escreve seu ponto de vista sobre a viagem, sua visão sobre os nativos, os animais, a flora, as dificuldades enfrentadas, entre tantos outros aspectos. Inicialmente concebido para ser publicado em capítulos na famosa revista *Scribner's*, seu relato veio depois a tornar-se o livro *Through the Brazilian wilderness*, publicado em 1914. A primeira edição brasileira do mesmo foi publicada nos anos 40, e a que nos orienta nesta pesquisa é de 1976, com um curioso prefácio escrito na primeira edição, por Apolônio Salles, então Ministro da Agricultura do governo Getúlio Vargas. A História nos conta que o Brasil cedeu às pressões estadunidenses e aderiu à Segunda Guerra Mundial na ditadura de Vargas em troca de empréstimos para a construção de indústrias, e prestou apoio militar aos Estados Unidos, enviando homens para lutar na Itália, além de fornecer minérios estratégicos e a borracha necessária para a fabricação de pneus e outros insumos bélicos.

Neste prefácio, fala-se em Roosevelt como “observador inteligente da terra e do homem que iria conhecer, os quais analisaria com carinho e justeza”, que “era ardente partidário, em seus escritos e discursos, do mais amplo e sadio pan-americanismo”, além de homenagear, com esta tradução, na figura de Theodore Roosevelt e do então presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt, “como figuras exponenciais e representativas de um povo irmão, que admiramos, queremos e respeitamos”.

Durante a leitura da obra, é possível verificar que a visão de Roosevelt não foi tão carinhosa ou justa como descrita, pois, apesar de o pensamento corrente à época ainda era de que o homem simples do interior do Brasil era ignorante e

inculto, o estadunidense faz questão de exaltar estas características, principalmente quando fala do caboclo nativo do interior do Mato Grosso. Não obstante a este excesso de zelo representado nas afirmativas anteriores, o ministro completa com esta frase o que revela ser um sentimento tanto subalterno como submisso e polêmico, ao por o Brasil ao lado dos Estados Unidos no intuito de garantir a ordem mundial almejada naquele momento de guerra:

Nesta hora, em que nos empenhamos, ao lado dos Estados Unidos, com as mão dadas e os corações a baterem sincronicamente, numa luta pela sobrevivência dos mais elevados postulados do respeito aos indivíduos e suas ideias, como às nações e seu direito de existir, mas do que oportuno é o lançamento desta tradução. (ROOSEVELT, 1976, p. 15)

Apesar de o momento político daquela época ensejar uma aliança entre os países, é notória a elevada dedicação com que o Ministro trata uma possível fraternidade entre Brasil e Estados Unidos.

Por não termos tido acesso a esta primeira edição brasileira, não sabemos se a sua tradução pode ter sido deveras afetada por este sentimento de *irmandade* para com os estadunidenses naquele momento da Segunda Guerra Mundial, o que certamente poderia ocasionar em interessante estudo de tradução comparativa à primeira tradução e suas subseqüentes, bem como à versão em inglês. Como nosso foco no presente estudo é a análise do discurso de Roosevelt a partir da perspectiva Pós-Colonial, deixaremos estas indagações para pesquisas futuras.

O que pudemos observar em diversas passagens, na descrição da gente do interior do Brasil, é um sentimento de grande preconceito aos costumes e condições de vida dos nativos. Curiosamente, comparando o original em inglês e português deste relato, há, naquele, três apêndices: A, o qual trata da *tarefa do zoólogo e do geógrafo na América do Sul*, B, o qual descreve *provisões para viagens à selva na América do Sul*, e C, que apresenta a *minha carta de 1º de Maio ao General Lauro Müller* (responsável pelo convite para estender sua expedição à Amazônia).

Misteriosamente, o apêndice B foi suprimido da edição brasileira e o apêndice C (a carta) foi transformado em B. Na leitura do apêndice B na versão em inglês, é possível observar uma série de tópicos concernentes ao aparato que TR (Theodore Roosevelt)¹ considera indispensáveis ao viajante que queira *fazer um trabalho sério* [*If he intends serious work*] (p. 188) na América do Sul. São conselhos sobre os mais

¹ O nome de Theodore Roosevelt é freqüentemente abreviado como TR, doravante esta será a nomenclatura que utilizaremos neste trabalho.

diversos instrumentos necessários ao viajante, desde a vestimenta, barracas, motores, rede de dormir, comida, armamento, ferramentas e instrumentos de sobrevivência, entre outros. São trechos que mostraram-se repletos da visão colonialista do autor estadunidense.

Desenvolveremos este trabalho a partir da revisão das literaturas concernentes às Teorias do Pós-Colonialismo e às obras *Nas Selvas do Brasil* e *O Rio da Dúvida*.

Passaremos a seguir à biografia dos dois comandantes da Expedição objeto desta pesquisa: Cândido Mariano da Silva Rondon e Theodore Roosevelt, no intuito de apresentar um pouco do legado de cada um deles.

1.2 Rondon

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon foi um grande homem de seu tempo. Sertanista engajado na causa indígena, ficou conhecido principalmente por seu lema “Morrer se preciso for, matar nunca”. Em seu trabalho no interior do Brasil, estabeleceu contato e ganhou a confiança de tribos indígenas que jamais haviam tido contato com o homem branco, e ele próprio tinha ascendência indígena. Formou-se como militar e foi o responsável pela expansão das linhas telegráficas nos sertões brasileiros. Segundo Edilberto Coutinho, nas poucas entrevistas que concedeu, seu tema preferido sempre foi

[...] a selva, onde viveu meio século de internamento voluntário, conquistando para a nacionalidade homens, terras e rios, onde percorreu 26 mil quilômetros de terras desconhecidas, em 40 mil quilômetros de marcha (total da jornada), e construiu mais de seis mil quilômetros de linhas telegráficas. (COUTINHO, 1987, p. 12).

O trabalho desenvolvido nas linhas telegráficas foi, de fato, a luta de sua vida. No interior do Brasil, em uma época em que muito pouco se valorizava o homem caboclo ou se reconhecia suas necessidades, Rondon expandia os conhecimentos acerca destas populações tão marginalizadas pela sociedade e o governo. As dificuldades enfrentadas nesta exploração do interior brasileiro é relatada em Coutinho, que as narra a seguir:

A Comissão criada pelo presidente Afonso Pena abriu à civilização essas imensas regiões, que Rondon vinha percorrendo e estudando, desde 1906,

à custa de sofrimentos incríveis, suportados com a resignação de quem se consagrou a um ideal, vendo morrer companheiros, amigos devotados, de polineurite, febres e disenterias, flechados pelos índios (nas primeiras marchas), devorados pelas piranhas, exaustos de cansaço, inclusive ao percorrer mais de 3 mil quilômetros, para atingir o Madeira, com o comandante suportando 40° de febre e quase todos moribundos. (COUTINHO, 1969, p. 108)

No ano de 1913, Rondon seguia com seu intenso trabalho de instalação das Linhas Telegráficas, quando recebeu do Ministro de Relações Exteriores, Lauro Müller, a ordem de que seria o guia da viagem do ex-presidente Roosevelt ao interior brasileiro. O pedido havia partido do próprio Roosevelt, conforme nos informa Todd Diacon: “Como parte do roteiro, Roosevelt pedira a Müller que em dezembro organizasse um safári pelo noroeste brasileiro, como uma espécie de *gran finale* para sua jornada sul-americana. (DIACON, 2006, p. 45).

Porém, o que Rondon não contava era com uma solicitação desta espécie naquele momento em que qualquer interrupção ocasionaria um indesejado atraso na inauguração do projeto. Diacon continua a nos relatar: “O momento do pedido de Roosevelt e ordem de Müller não poderia ter sido mais inoportuno. [...] Rondon reconhecia claramente que a jornada proposta por Roosevelt traria grande benefício no campo das relações públicas tanto para o país como para seu projeto telegráfico. (DIACON, 2006, p. 45). Rondon precisava cumprir ordens, mesmo que isto custasse o adiamento da inauguração de seu grande projeto.

Enquanto Rondon estava envolvido nos preparativos para a Expedição, ele narra no seguinte trecho como sugeriu, via telegrama, as seguintes propostas, para que Roosevelt fizesse sua escolha:

Decidi, pois, submeter à apreciação do nosso ilustre hóspede outros itinerários, [...] indicando os seguintes percursos:

- a) De S. Luiz de Cáceres ou de Cuiabá, seguir pela estrada da Comissão das Linhas Telegráficas até a estação ‘Barão de Melgaço’, e aí embarcar em batelões para descer os rios Comemoração de Floriano, Ji-Paraná e Madeira;
- b) Seguir o mesmo itinerário até a estação ‘José Bonifácio’, anterior a de ‘Barão do Melgaço’, e daí, ganhando a passo da Linha sobre o Dúvida, descer e explorar este rio, que provavelmente levaria a comitiva ao Madeira;
- c) Ganhar o Tapajós, descendo o Juruena, e não o Arinos, que é caminho conhecido há mais de um século, a ponto de ter servido por largo tempo de via comercial entre Pará e Mato Grosso;
- d) De S. Luiz de Cáceres passar para o vale do Guaporé; descer em lancha, a partir da Cidade de Mato Grosso, este rio e o Mamoré, até a cachoeira de Guajará-Mirim; tomar aí a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para chegar à cidade de Santo Antonio do Madeira ;
- e) Finalmente, alcançar, pela estrada da Linha Telegráfica, o rio Papagaio, na estação de Utiariti, e por ele entrar no Tapajós.

Destas cinco propostas, a que encerrava maiores dificuldades e imprevistos, era a relativa ao rio da Dúvida; foi a escolhida pelo Sr. Roosevelt. (RONDON, 1916, p. 16-17)

De todas as propostas, Rondon e sua equipe já conheciam os caminhos (que às vezes até mesmo tinham sido inaugurados por eles), menos aquela que viria mais tarde a ser executada, e a que certamente trazia o maior número de incertezas a serem encontradas, que era a descida do Dúvida. Ávido por aventuras memoráveis, TR muito provavelmente escolheu este caminho pelo seu ineditismo e porque poderia lançar seu nome na prestigiada Sociedade Real de Geografia de Londres, na qual, de fato, foi convidado alguns meses após o fim da Expedição para explicar sobre tal *descoberta*.

O encontro entre os dois comandantes da Expedição aconteceu na foz do Rio Apa, divisa entre Brasil e Paraguai, no que era o extenso território do Mato Grosso, no dia 12 de dezembro de 1913. Já durante a expedição, Rondon tratou de organizar a logística das bagagens em função dos visitantes estrangeiros, mas não fora capaz de prever a imensa quantidade de carga que eles trouxeram. Diacon afirma que “Roosevelt também não compreendia nem avaliava a infinidade de problemas que ele criaria para Rondon ao chegar com muito mais bagagem e caixotes do que era possível transportar.” (DIACON, 2006, p. 48) O que TR não abria mão era de seu conforto, ele bem podia imaginar que a viagem seria de fácil execução, por isto tantas vezes exigia de Rondon que fizesse seu trabalho de mapeamento do rio às pressas, incompleto. Rondon estava muito mais acostumado à escassez e adversidades do sertão brasileiro, face aos americanos que muitas vezes o criticaram. Diacon narra no trecho a seguir o mal-estar gerado entre os brasileiros por conta deste excesso de bagagens:

Rondon provocou uma crise quando se apropriou dos animais de carga reservados para o biólogo da comissão, incumbido de coletar, ao longo do caminho, espécimes para o Museu Nacional. Frederico Hoehne, indignado, desligou-se da expedição; queixou-se, com alusão nacionalista, de ter sido privado de transporte “ao mesmo tempo que segue paralelamente uma comissão estrangeira mais bem constituída de tropas e recursos”. [...] Hoehne evidenciava as tensões do período, pois Rondon e o ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, cujo ministério financiara a expedição, claramente esperavam que Roosevelt, estrangeiro famoso de uma nação industrializada e moderna, divulgasse a outros países o progresso e o potencial do Brasil. Isso, porém, requeria tratar os americanos com prodigalidade para ganhar-lhes a simpatia, mas só deixava mais clara a posição subserviente do Brasil entre as nações do mundo. [...] Rondon não se atrevia a desagradar os americanos e passou a deixar de lado suprimentos da comissão, e insistiu em sobrecarregar os animais. Os

americanos atribuíram o crescente caos à incompetência de Rondon e dos brasileiros. (DIACON, 2006, p. 49)

O impasse vivido por Rondon no intuito de sempre buscar a aprovação dos americanos é reafirmado por George Zarur:

A missão de acompanhar Roosevelt era de grande interesse diplomático para o País e poderia influenciar o destino da Amazônia brasileira. Roosevelt era um dos formadores da opinião pública norte-americana e estaria escrevendo para o mais importante jornal dos Estados Unidos. Seus antecedentes políticos e militares eram capazes de despertar os mais profundos receios no governo brasileiro, pois quando Presidente tinha complementado a Doutrina Monroe, com a tese do direito de intervenção armada norte-americana na América Latina. Rondon fora, agora, chamado a “pacificar” alguém mais poderoso. Aliás, essa era, comumente, a percepção dos índios, ao trocar presentes com os brancos “bravos”: Eles, índios, estavam “pacificando” aqueles estranhos militarmente mais fortes e não, o contrário. (ZARUR, 2004, p. 62)

Neste exemplo é possível ter uma noção de como Rondon estava em uma situação delicada: precisava cumprir ordens de seu superior (Müller), nem que para isso sacrificasse os suprimentos dos brasileiros da comissão, e fazia de tudo para agradar aos americanos, mesmo que para tanto tivesse deixado em suspenso o grande projeto de sua vida.

Como veremos mais adiante, o que ganhava com isto eram palavras de desconsideração por parte dos americanos, que pensavam que a viagem no sertão seria de fácil execução e prazerosa, similar ao safári de aventura como TR já havia presenciado na África. Ao mesmo tempo, a visão do Brasil poderia não corresponder às intenções iniciais de Rondon e principalmente de Muller, pois poderiam na verdade passar uma imagem de subserviência do Brasil para o mundo. Era uma situação, de fato, realmente embaraçosa.

Para termos uma dimensão da carga que TR e sua equipe traziam, Millard nos apresenta no trecho a seguir:

Além disso, as provisões que Fiala² escolhera e empacotara com tanto cuidado eram mais um fardo que uma bênção aos olhos dos outros membros da expedição. Quando o grupo de Roosevelt chegou a Buenos Aires, o mero volume de bagagem descarregada do *Vandyck* atraiu uma multidão de curiosos. Havia montanhas de engradados: armas e munição, cadeiras e mesas, barracas e camas de armar, equipamentos de captura e preservação de espécimes, de inspeção do rio e de cozinha. Depois que um dos carregadores, encharcado de suor, transportou o último item do vapor

² A preparação do estoque de alimentos da expedição ficou no encargo de Anthony Fiala, que anos antes havia ficado famoso por explorar o Pólo Norte. Porém, esta expedição da qual participou foi um enorme fracasso.

para o cais, um funcionário da alfândega perguntou-lhe se aquilo era tudo. Enxugando a testa com a mão, o estivador respondeu: "Só falta o piano!", e a multidão explodiu numa gargalhada. (MILLARD, 2007, p. 69)

Levando consigo uma carga que depois se revelou um enorme fardo, com muitos itens supérfluos, TR e sua equipe não dispensaram comentários maldosos a respeito de Rondon em relação ao que deveria ser extremamente necessário carregar tanto durante a jornada quanto na descida do rio. Em diversos trechos da narrativa da parte terrestre da viagem, há relatos dos bois de carga morrendo de exaustão com a quantidade de caixas que transportavam. Muito dessa carga foi abandonada pelo caminho, e chegaram quase à metade da quantidade inicial quando enfim chegaram à nascente do Dúvida.

Segundo Diacon, Rondon foi forçado a abandonar suprimentos pela picada, cuidando sempre "que essa redução nunca atingisse senão em parte mínima aos nossos prezados hóspedes" (DIACON, 2006, p. 52). O estudioso continua a exemplificar o modo como este tipo de notícia era recebida pelos americanos da expedição:

Roosevelt descobriu então que Rondon, "não sei como, permitira que vários fardos de provisões para seus homens fossem deixados para trás ao reorganizar seu comboio", uma ordem que, hoje sabemos, Rondon dera com a intenção de não por em risco os víveres dos americanos. Agora Roosevelt percebia que era preciso dividir a comida dos americanos com os brasileiros por causa, segundo ele, da "absurda imprevisão" de Rondon. (DIACON, 2006, p. 53)

Esta *absurda imprevisão*, nas palavras de TR, como já vimos, dera-se principalmente porque Rondon fazia questão de sacrificar ao mínimo os víveres dos seus companheiros de viagem do Norte, mesmo que para isto deixasse de levar suprimentos para os brasileiros. Rondon mais que temia qualquer desagrado por parte dos americanos, pois encontrava-se em uma situação diplomática delicada, visto que era ansioso pela projeção que TR poderia dar ao Brasil e às suas linhas telegráficas.

Diacon revela mais comentários desta natureza nos relatos posteriores à viagem: "As recordações desses momentos especialmente difíceis levariam Roosevelt a escrever, mais tarde, que Rondon e os brasileiros 'trabalhavam muitíssimo, mas deixavam de lado certas coisas essenciais. Isso era característico em tudo o que faziam. Suas falhas nos preparativos era espantosa'". (DIACON, 2006, p. 58).

Não apenas TR anotou seu ponto de vista a respeito desse abandono de suprimentos. Cherrie, um dos naturalistas, escreveu em seu diário, desdenhoso: "em muitos aspectos, na falta de antevisão para detalhes especiais, o coronel Rondon mostrou-se incompetente como chefe de uma expedição desta espécie!" (DIACON, 2006, p. 59).

No decorrer da expedição, houve um episódio em especial em que, para evitar impasses ideológicos, Theodore Roosevelt resolveu intervir. Muito conhecido por seu respeito às culturas indígenas, o trabalho de Rondon consistia em estabelecer contato com as tribos indígenas e respeitá-los em suas crenças e costumes, e fazer deles aliados na manutenção das linhas telegráficas objeto de seu extenso trabalho no sertão brasileiro.

Um dos idealizadores da Expedição de TR à América do Sul, o Padre Zahn, em sua juventude foi colega de faculdade de TR em Harvard. Acompanhou o ex-presidente estadunidense até certo ponto da viagem. Edilberto Coutinho nos conta como se desenrolou um episódio em que o choque ideológico se pôs em cena:

O padre Zahm iniciou a expedição prometendo, até o final, um bom número de brasilíndios batizados. Certa ocasião, entretanto – sentindo-se cansado – o americano decidiu, muito facilmente, que continuaria sua marcha evangelizadora... montado num índio. – Índio foi feito para carregar padre – explicou – e já me servi muitas vezes de semelhante meio de transporte. Vendo o constrangimento de Rondon e de todos os brasileiros, Roosevelt repreendeu severamente seu companheiro:
– Pois não cometerá você tal atentado aos princípios do meu caro coronel Rondon. (COUTINHO, 1969, p. 106)

Antevendo o impasse diplomático e mal estar que aquela afirmação poderia causar, sabendo dos princípios de Rondon em relação aos indígenas, TR se adiantou em conter o ânimo do padre naquela expedição que estava apenas iniciando. Chamou-o para conversar em local reservado, e a discussão acabou em insultos em latim (COUTINHO, 1987, p. 17).

O padre Zahm foi enviado de volta a Tapirapoã, e a expedição continuou a jornada. Com isto, é possível depreender que TR apenas quis salvaguardar a imagem dos americanos junto aos membros brasileiros da expedição: caso não repreendesse seu amigo de longa data, poderia transparecer conivência e que aquele era o pensamento geral dos estrangeiros em relação aos índios. Mas a viagem estava apenas começando, e esta impressão negativa não poderia macular as experiências que ainda estariam por vir: a jornada não poderia terminar naquele

momento, ela terminou apenas para Zahm, pela sua inconveniência em manifestar verbalmente seu pensamento colonialista.

Passaremos ao próximo tópico, em que vamos traçar um breve perfil do principal objeto da nossa pesquisa, o homem responsável pelos discursos que aqui buscamos analisar.

1.3 Theodore Roosevelt

Theodore Roosevelt iniciou sua carreira política como presidente dos Estados Unidos após a morte de William McKinley, em 1901. Sendo ele o vice-presidente, assumiu o posto como o mais jovem presidente do país, então com 43 anos, e foi reeleito para o período de 1905-1909. Após sua saída da Casa Branca, em 1909, concordou, a contragosto, ceder sua candidatura ao presidente eleito, William Taft, em troca de apoio político nas eleições presidenciais de 1912.

Em seu período presidencial, foi tido como um dos presidentes mais carismáticos pelo seu povo, e sempre lembrado por suas políticas internas anti-truste. De acordo com o site da Casa Branca, em sua biografia Roosevelt, pode ser lembrado como o presidente que:

Trouxe novo entusiasmo e energia para a Presidência, já que ele vigorosamente levou o Congresso e o público americano em direção a reformas progressistas e a uma política externa forte. Como presidente, Roosevelt defendeu o ideal de que o governo deve ser o grande árbitro das forças econômicas conflitantes da nação, especialmente entre capital e trabalho, garantindo a justiça a todos e sem distribuição de favores a quem quer que seja.³ (tradução nossa)

Há quem o considere de um modo geral como o responsável por uma série de grandes benefícios dos quais os estadunidenses usufruem até hoje, pois “muito do que ele conquistou hoje afeta todos os americanos, e seu nome e personalidade tornaram-se parte do ícone coletivo do que a América representa no seu melhor.”⁴(Associação Theodore Roosevelt. Tradução nossa).

³ He brought new excitement and power to the Presidency, as he vigorously led Congress and the American public toward progressive reforms and a strong foreign policy. As President, Roosevelt held the ideal that the Government should be the great arbiter of the conflicting economic forces in the Nation, especially between capital and labor, guaranteeing justice to each and dispensing favors to none.

⁴ Much of what he achieved affects each and every American today and his name and personality have become part of the collective icon for what America stands for at its best.

Um de seus legados enquanto presidente, ainda de acordo com a organização criada em sua homenagem, foi a preservação de diversas áreas naturais nos Estados Unidos⁵. A Associação informa que:

Suas realizações específicas são numerosas. Talvez sua maior contribuição foi o seu trabalho para a conservação. Durante seu mandato na Casa Branca, de 1901 a 1909, ele designou 150 Florestas Nacionais, as primeiras 51 Reservas Federais de aves, cinco Parques Nacionais, os primeiros 18 monumentos nacionais, as primeiras 4 reservas nacionais, e os primeiros 21 projetos de recuperação. Ao todo, nos sete anos e meio em que esteve no poder, forneceu proteção federal para quase 230 milhões de hectares, uma área de terra equivalente a toda a costa leste, indo dos estados de Maine até a Flórida.⁶ (tradução nossa)

Roosevelt é ainda especialmente lembrado pelos estadunidenses pelo fortalecimento da política externa de seu país, especialmente quanto ao intervencionismo nos países latino-americanos. É de sua autoria a política do *Big Stick* (grande porrete), inspirado no ditado africano “Fale suave e carregue consigo um grande porrete”, na qual pregava que os países latino-americanos que ousassem não adotar as medidas impostas pelos Estados Unidos poderiam sofrer as consequências deste grande porrete, ou seja, o emprego da força para manter os interesses estadunidenses em todas as Américas.

Quando saiu da Casa Branca, TR buscou apoio do Museu Americano de História Natural (AMNH), em Nova Iorque (do qual foi um dos fundadores e a quem é dedicada uma estátua e vários dizeres seus nas paredes da entrada principal), para realizar uma espécie de safári com fins *naturalistas*: coletar espécimes para o referido Museu. O AMNH já lhe havia financiado anteriormente um safári à África com os mesmos propósitos, e rendeu um de suas dezenas de livros: *African Game Trails* (sem versão no português).

⁵ A personagem Lisa Simpson, do famoso seriado “Os Simpsons”, critica de forma bem humorada tanto esta visão que os americanos têm de que TR deixou um grande legado preservacionista para o país, como a fama de caçador do ex-presidente. No episódio “Bart stops to smell the Roosevelts”, da vigésima terceira temporada, ela dialoga com seu irmão, Bart Simpson. Bart: “Um pouco de Roosevelt na sua vida cairia bem”, Lisa: “Qual é! Passei pela minha fase Roosevelt na primeira série, agora percebo que o maior Roosevelt é o Franklin”, Bart: “Tá por fora, Teddy Roosevelt protegeu a vida selvagem da América”, Lisa: “É, pra ele mesmo poder caçar (a vida selvagem) sozinho!”.

⁶ His specific achievements are numerous. Perhaps his greatest contribution was his work for conservation. During his tenure in the White House from 1901 to 1909, he designated 150 National Forests, the first 51 Federal Bird Reservations, 5 National Parks, the first 18 National Monuments, the first 4 National Game Preserves, and the first 21 Reclamation Projects. Altogether, in the seven-and-one-half years he was in office, he provided federal protection for almost 230 million acres, a land area equivalent to that of all the East coast states from Maine to Florida.

Após reviravoltas políticas e tendo rompido com o partido Republicano no qual fora eleito nos anos anteriores, tentou um novo mandato pelo pequeno partido que criou, o Partido Progressista, em 1912, porém, fracassou neste objetivo. Acostumado à ovação e atenção do público, amargou a derrota e o ostracismo em seu exílio forçado na mansão da família em Sagamore Hill, em Oyster Bay, Nova Iorque. Amante da vida ao ar livre e repleta de aventuras, buscava sempre suplantar as grandes perdas de sua vida em ocasiões em que pudesse sentir-se plenamente livre e como forma de provar a si mesmo que era capaz de superar as adversidades. Assim aconteceu na desistência de concorrer ao terceiro mandato, em 1909, quando partiu para a África. Nas palavras de Millard (2007, p. 28): “Ele não descansaria até encontrar alguma aventura fisicamente exaustiva que o levasse para longe de casa e o expusesse, para o temor de Edith [sua esposa], a grande perigo.”.

Esta oportunidade aconteceu quando Roosevelt recebeu o convite do Museo Social da Argentina para dar uma série de conferências e palestras naquele país. Imediatamente, TR viu a chance de transformar esta turnê pela América do Sul na ocasião certa para afogar suas amarguras pela derrota presidencial:

Para Roosevelt, o interior vasto, inexplorado e amplamente desconhecido da América do Sul foi talvez o fator que mais pesou em sua decisão de aceitar o convite do Museo Social. Com suas matas virgens e extensas savanas, montanhas escarpadas e contrastantes extremos de clima e relevo, o continente oferecia o tipo de fronteira ilimitada, desconhecida e de aventura física radical que tinha atraído Roosevelt ao longo de toda a sua vida. Poucos lugares na Terra podiam oferecer mais interesse ao ex-presidente que a Amazônia - não só pela promessa de aventura, mas também porque era, para um naturalista, uma verdadeira Shangri-La. (MILLARD, 2007, p. 32)

Novamente, buscando apoio financeiro do Museu Americano de História Natural, Roosevelt prontamente imaginou as contribuições que daria ao acervo do museu, através da enorme caça que promoveria mais uma vez, porém, agora em terreno totalmente novo para ele: a Amazônia. Seria também a oportunidade de umas *férias* confortáveis pela América do Sul, onde provaria um pouco mais do prestígio que lhe era dispensado na época de presidente, além de aventura *na medida certa*. Candice Millard nos informa que:

Embora não imaginasse nada difícil ou perigoso demais, a mera escala das maravilhas naturais do continente prometia uma aventura rica e absorvente, coroada pela chance de ter um contato em primeira mão - ainda que ocasional - com as maravilhas do Amazonas. (MILLARD, 2007, p. 34).

Porém, Roosevelt sabia também que sua passagem não seria de todo prestigiosa. Em seu governo, e através de suas políticas externas, despertara a fúria em algumas nações, e ele estava plenamente convencido de que agira do modo correto enquanto estava na presidência, por vezes até mesmo desafiando quem quer que o contrariasse. Sua lógica imperialista não mudara e, mesmo ele estando em terreno estrangeiro, estava pronto a debater suas atitudes enquanto presidente e a convencer sua plateia do porquê agiria novamente da mesma maneira.

A primeira parada de sua turnê latino-americana foi no Rio de Janeiro. Os noticiários da época, em sua imensa maioria, retratavam sua chegada com grandes elogios à sua personalidade e ao seu mandato enquanto presidente dos Estados Unidos. Raros eram os jornais que criticavam a postura de TR enquanto mandatário ianque e questionavam as finalidades de sua viagem pela América Latina. Diacon nos apresenta no trecho a seguir uma crítica de um jornal carioca à chegada de TR:

Analistas sensíveis à construção de um Brasil moderno aproveitaram a oportunidade da planejada expedição de Roosevelt pelo sertão brasileiro para criticar o fato de os americanos se recusarem a ver o Brasil como algo mais do que uma nação de florestas e animais selvagens. Queriam mesmo era ensinar Roosevelt, o estrangeiro, sobre a real, moderna nação brasileira conforme eles a viam.

Um repórter lamentou em O Imparcial: “O que mais preocupou o grande americano não foram nossos homens e suas necessidades sociais e políticas, mas antes nossos bichos, e a necessidade de extirpá-los!”.

Em um editorial sardônico, “C.L.” satirizou a decisão das autoridades brasileiras de acompanhar Roosevelt em uma excursão pelo Rio de Janeiro. O ex-presidente não queria ver prédios, clamou C.L. muito menos viera para ver sinais da civilização, como ferrovias e edifícios, pois os Estados Unidos já os tinham de sobra. Nada disso. Roosevelt só queria saber de feras e selvas, asseverou o editorialista.

Se fosse C.L. a organizar a visita, teria recebido o navio de Roosevelt com meninas de colégio vestidas de índias, com serpentes empilhadas nas docas e macacos correndo no meio da multidão, para deleitar Roosevelt com uma “autêntica” experiência brasileira.

Graças a Deus, escarneceu C.L., que Roosevelt protegera um povo tão selvagem da invasão européia! E, em tom mais sério, sugeriu um pequeno adendo à preciosa Doutrina Monroe de Roosevelt: que ela também protegesse as nações das Américas de conquistas e expansão territorial de certa nação americana; aí sim os brasileiros poderiam apoiar a Doutrina Monroe. (DIACON, 2006, p. 47)

Esta crítica bem humorada acerca da política externa de TR no seu tempo de presidente reforça que a opinião pública não era unânime. TR sofreu, sim, críticas durante sua viagem, muito embora *não fosse interessante, especialmente ao governo*, naquele momento, tal tipo de manifestação jornalística estampada nas capas dos diários em todos os locais onde ele passava. Inclusive, há relatos de que,

durante a chegada ao Chile, o governo local mandou comprar todos os jornais que manifestaram críticas a TR, conforme Millard retrata no trecho a seguir:

O governo chileno fez o possível para proteger Roosevelt das manifestações, chegando a comprar e destruir jornais que noticiavam protestos contra ele, mas seu hóspede não tinha a menor vontade de se esconder de qualquer ataque a ele próprio ou a seu país. Ao contrário: aproveitava cada oportunidade de enfrentar altivamente seus atacantes, pronto a explicar em termos inequívocos por que estava certo e eles errados. (MILLARD, 2007, p. 71)

Uma das mais polêmicas decisões tomadas por TR foi a intervenção com a Colômbia para a construção do Canal do Panamá, em 1902. Mesmo tendo passado mais de uma década desde o apoio de TR à questão da *independência* do que hoje é a região panamenha, os ânimos da população colombiana ainda estavam inflamados. Quando questionado por uma autoridade brasileira o motivo de ele não ter incluído a Colômbia em seu roteiro da viagem, o ex-presidente sarcasticamente respondeu: “O senhor não sabe, meu caro amigo, que sou *persona non grata* na Colômbia?” (MILLARD, 2007, p. 70).

A passagem pelo Chile foi marcada pelos protestos contra as políticas externas imperialistas de Roosevelt na América Latina. Candice Millard recompõe o cenário da recepção de TR na passagem a seguir:

Embora tenha passado ao largo da Colômbia, Roosevelt não pôde evitar um encontro hostil no Chile, onde estudantes colombianos haviam organizado um protesto contra ele. Quando seu trem chegou à capital chilena, ele foi recebido por uma multidão que, de início, parecia um espelho das afetuosas massas que lhe tinham dado as boas-vindas no Brasil, no Uruguai e na Argentina. Mas, no momento em que desceu do vagão-leito para a plataforma da estação, com os acordes triunfais dos hinos americano e chileno ecoando à sua volta, a festa de boas-vindas transformou-se subitamente numa furiosa manifestação de protesto. ‘A multidão humana, mostrando nítida hostilidade, gritava a plenos pulmões ‘vivas’ ao México e à Colômbia, e ‘abaixo o imperialismo ianque!’’, registrou com empolgação um jornalista do *West Coast Leader* de Lima. (MILLARD, 2007, p. 71)⁷

A política intervencionista dos Estados Unidos na América Latina dera seu grande salto inicial no governo de Theodore Roosevelt. Sem dúvidas, diante das

⁷ Durante nossa pesquisa bibliográfica junto à Coleção dedicada a Theodore Roosevelt na Houghton Library, na Universidade de Harvard (EUA) encontramos diversos artigos de jornais brasileiros, argentinos e chilenos da época, todos ovacionando a chegada do ex-presidente e sua comitiva nos respectivos locais. Duas notas nos chamaram atenção, por serem divergentes de todas as outras: tratavam-se de duas críticas às políticas de Roosevelt enquanto presidente, publicadas em jornais de Buenos Aires, em 05/11/1913, as quais anexamos ao final deste trabalho. Aparentemente, aquelas notas, escritas por Manuel Ugarte e Samuel Linnig, eram completamente distintas do restante da coleção, e podem ter sido anexadas por engano, tendo em vista que a mesma busca homenageá-lo.

notícias destas recepções de manifestantes contrários às suas políticas externas, ainda ecoavam nos vizinhos do sul as lembranças de um conjunto de princípios que estavam apenas começando a vigorar, e do qual o mundo ainda testemunha sua influência em todo o planeta, ainda hoje.

A primeira grande experiência dos Estados Unidos em ampliar seus domínios fora no seu *quintal*, na América Latina. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, e sob o governo de um outro Roosevelt, mas, desta vez, Franklin Delano (primo distante e casado com uma sobrinha de Theodore Roosevelt), os Estados Unidos lançaram-se então como o grande *protetor* da *democracia* e dos *valores morais* que deveriam permear o mundo. Este outro Roosevelt foi o responsável pelas políticas da boa vizinhança (apenas retórica, perante a América Latina) e do *New Deal* (Novo Acordo, formulado para recuperar a economia estadunidense após a Grande Depressão de 1929). Também data desta época, como já afirmamos anteriormente, a aproximação dos Estados Unidos com o Brasil em função do fornecimento da borracha amazônica para a produção de insumos bélicos para a guerra, em virtude da tomada das plantações de seringueiras na Malásia por parte dos japoneses.

Brevemente estabelecidas as diferenças entre os dois presidentes Roosevelt da história dos Estados Unidos, passaremos à apresentação das bases ideológicas do Pós-Colonialismo e de como esses ideais se comunicam para desconstruir a retórica do colonizador, bem como a construção dos relatos de viagem e a representação da Amazônia através dos viajantes.

2 ESCOPO TEÓRICO

2.1 O Pós-Colonialismo como resgate das vozes outrora silenciadas

As ideias que posteriormente tornar-se-iam em Teorias do Pós-Colonialismo surgiram em meados dos anos 60 do século passado, em resposta aos processos de descolonização das antigas colônias europeias na Ásia, África e América. Nessa época, os autores objetivavam chamar a atenção dos seus povos e incitá-los a uma percepção da dimensão sócio-política das consequências destes processos de descolonização de suas terras.

Algumas obras pertencentes a este momento de discussões seminais foram de Aimé Cesáire, com seu *Discurso sobre o Colonialismo*, que já em 1953 escrevia em linhas combativas a importância de o povo colonizado e oprimido compreender os mecanismos que levaram os europeus a dominar meio mundo, as estratégias de convencimento do colonizado de sua posição [supostamente] inferior, os meios para desvencilhar-se deste poderio e conquistar a autonomia e independência das ex-colônias e, ao final, adverte para o novo império, *filho* da Europa: os Estados Unidos.

O tunisiano Albert Memmi, em 1957, nos deixou *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, escrito em meio aos movimentos de independência do país para livrar-se do domínio da França. O nigeriano Chinua Achebe, em 1958, fez uma defesa da cultura oral dos povos africanos em vários textos. Em *O mundo se despedaça* (1958), o autor defende a apropriação do idioma europeu pelos colonizados, de modo que seu protesto possa ser conhecido na língua do colonizador e no mundo inteiro, não apenas na sua língua local.

O martinicano Frantz Fanon, aluno de Cesáire, em 1961 nos traz *Os condenados da terra*, com um prefácio de Jean Paul Sartre, em que incita o povo a libertar-se através da guerra, recurso último, mas necessário para expulsar o colonizador da terra, mas alertando para que o poder subsequente não seja formado pela elite que postula dos mesmos princípios do imperialista.

Em 1978, com *Orientalismo*, era a vez do crítico palestino Edward Said expressar sua visão sobre como os mitos sobre o Oriente foram construídos ao longo dos séculos, e como os povos, culturas, línguas, foram desqualificados pelo Ocidente e “[...] relegados ao monturo, juntamente com os tesouros esmigalhados até formar fragmentos insignificantes.” (SAID, 2007, p. 14). Muitos estudiosos

consideram que *Orientalismo* é o marco inicial dos estudos pós-coloniais (NENEVÉ, 2006, p. 158).

O Pós-Colonialismo foi, então, consolidado como tema inserido dentro da academia em 1989, com o livro *The empire writes back: theory and practice in Post-Colonial Literatures*, de Bill Ashcroft. Apresentando conceitos de pós-colonialismo, colonialismo e literatura pós-colonial, e especialmente inspirados nas ideias dos autores supracitados, definem que “literatura pós-colonial é a literatura produzida por aqueles povos que foram colonizados pelas forças imperiais europeias, [e que o termo cobre] todas as culturas afetadas pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais.” (ASHCROFT, 2001 *apud* NENEVÉ, 2006, p. 159).

Toda a Teoria Pós-Colonial, em linhas gerais, busca discutir como se deram os processos culturais, políticos, históricos, psicológicos decorrentes da relação entre colonizados e colonizadores, opressores e oprimidos, metrópole e colônia, quais as suas consequências especialmente para os personagens mais fracos desta história, bem como os meios de livrarem-se deste jugo. O profundo trabalho de desvalorização do *outro*, do colonizado, massivamente operado pelo colonizador, é tema constante dos autores pós-coloniais. Conforme nos exemplifica Memmi, o objetivo do colonizador é trabalhar sistematicamente para “opor irremediavelmente as duas figuras, a sua tão gloriosa, a do colonizado tão desprezível.” (MEMMI, 1977, p. 58).

A terra saqueada, o sentimento de eterna inferioridade e incapacidade de lutar contra sua condição, a desculturação sofrida pelos povos oprimidos, os “[...] milhões de homens desarraigados de seus deuses, de sua terra, de seus costumes, de sua vida, da vida, da dança, da sabedoria” (CESÁIRE, 2010, p. 32): o colonizador tentou de todas as maneiras e nas mais diversas frentes atacar os nativos, e seu objetivo é que o *outro* sempre permaneça na condição de submisso, passivo, escravo de seus interesses imperialistas.

Cesáire nos fala mais uma vez de como o colonizador se vê no espelho: ele acredita ser legítimo seus interesses na colônia, pensa em levar a *civilização* àqueles que não são capazes de possuí-la porque a verdade dos fatos só pode ser alcançada através do *seu* esclarecimento. O colonizador europeu é antes de tudo um narcisista:

Nós aspiramos não à igualdade, mas à dominação. O país de raça estrangeira deverá converter-se num país de servos, de jornalistas agrícolas ou de trabalhadores industriais. Não se trata de suprimir as

desigualdades entre homens, mas de ampliá-las e fazer delas uma lei (CÉSAIRE, 2010, p. 23)

Aqui, Césaire fala de Hitler como produto final e doença da Europa, de todo o mal que ela semeou no mundo através do capitalismo, do falso humanismo (ou humanismo aplicado somente aos europeus), da igualdade e fraternidade que deixou de ser válida para os povos subjugados, e que agora colhe na forma de revoltas e decadência contra este sistema que oprime.

Ainda em relação a este humanismo relativizado, Césaire nos traz o raciocínio de Renan, filósofo do Iluminismo:

Quem fala? Envergonha-me dizer: é o humanista ocidental, o filósofo “idealista”. Que se chame Renan é um acaso. Que se extraiu de um livro intitulado *La Réforme intellectuelle et morale*, que tenha sido escrito na França após uma guerra em que a França havia apresentado como a guerra do direito contra a força, isso diz muito a respeito dos costumes burgueses.

“A regeneração das raças inferiores ou convertidas em bastardas pelas raças superiores está na ordem providencial da humanidade. O homem do povo é quase sempre, entre nós, um nobre desclassado; sua mão pesada está melhor feita para manejar a espada que o instrumento servil. Mais que trabalhar, escolhe lutar, ou seja, regressa a seu estado inicial. *Regere império populos*, eis nossa vocação. Então, voltar essa devoradora atividade sobre países que, como a China, solicitam a conquista estrangeira, faz dos aventureiros que perturbam a sociedade européia um *ver sacrum*, um enxame como aqueles dos francos, lombardos, normandos; e cada um estará em seu papel. A natureza conformou a raça de operários, a raça chinesa, com uma destreza manual maravilhosa, desprovida de qualquer sentimento de honra; governai-a com justiça, arrancando dela, para um bem-estar de um tal governo, um amplo dote em benefício da raça conquistadora, e estará satisfeita; uma raça de trabalhadores do campo, os negros, seja com eles bondosos e humanos, e tudo estará em ordem; uma raça de amos e soldados, a raça europeia. Reduza-se esta nobre raça a trabalhar no calabouço como negros e chineses, e ela se rebelará. Todo rebelde é, mais ou menos, entre nós, um soldado que frustrou sua vocação, um ser feito para a vida heróica, e que vós empregais para uma faina contrária à sua raça, ou seja, mal operário, demasiado bom soldado. Agora bem, a vida que subleva a nossos trabalhadores faria feliz a um chinês, a um fellah, a seres que não são em absoluto militares. Que cada um faça aquilo para o qual está talhado e tudo irá bem”. (CÉSAIRE, 2010, p. 23-24)

Aimé Césaire critica esta passagem do filósofo francês Renan, este último sempre exaltado como sendo um humanista. O autor martinicano examina o discurso pseudo-humanista: como é possível legitimar a categorização das raças em castas humanas, como se determinada nação existisse em nome de uma suposta espécie de papel a desenvolver na história humana? Para o iluminista francês, os chineses nasceriam para executar *trabalhos manuais e operários*, os negros, para o *trabalho do campo*, e os *nobres* europeus, para serem *soldados*. É como se cada

povo devesse cumprir uma sina e, ao se rebelar contra sua situação, estaria se esquivando de seu destino. O que mais incomoda Césaire é que este falso humanismo já era propagado muito antes do aparecimento de Hitler, isto é, este pensamento que pregava a segregação, o ódio racial e um determinismo classista já estava sendo amalgamado na Europa muito antes dos acontecimentos nazistas que assolaram aquele continente.

Cesáire continua, afirmando que o nazismo fora semeado e cresceu na Europa em virtude das atitudes colonialistas praticadas contra os *outros*. Natural, pois, que ela própria provaria estas consequências em algum momento na sua história:

Sim, valeria a pena estudar clinicamente, com detalhe, as formas de atuar de Hitler e do hitlerismo, revelar-lhe ao mui distinto, mui humanista, mui cristão buguês do século XX que leva dentro de si um Hitler e que ignora que Hitler o habita, que Hitler é seu demônio, [...] e que no fundo o que não é perdoável em Hitler não é o crime em si, é a humilhação do homem branco, e[m] haver aplicado na Europa procedimentos colonialistas que até agora só concerniam aos árabes da Argélia, aos *coolies* da Índia e aos negros da África. [...] Aonde quero chegar? A esta ideia: que ninguém colonializa inocentemente, que tampouco ninguém colonializa impunemente; que uma nação que colonializa, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, a força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, quero dizer, seu castigo." (CESÁIRE, 2010, p. 45)

Nesta passagem, o autor martinicano fala que Hitler nada mais foi que o espelho em que a Europa se olhou em decorrência da Segunda Guerra Mundial, ele queria aplicar aos seus semelhantes europeus tudo aquilo que fora até então reservado às colônias. Era a Europa provando de seu próprio veneno, hiperbolizado em forma de outra grande guerra.

2.2 A construção do mundo não-europeu a partir dos relatos de viagem

A partir da grande expansão colonialista que envolveu quase a totalidade dos países europeus, iniciado no século XV, a visão europeia do mundo modificou profundamente a forma como seriam retratados os *outros*, os não-europeus, a partir de então. A construção destes retratos deu-se principalmente através dos relatos dos viajantes, os quais *ousavam* sair da sua zona de segurança, do mundo tido como civilizado, e ir em busca de novos continentes, conhecer todos os *mistérios* e

criaturas que viviam nos territórios do além mar. Através de cartas de reconhecimento, diários, relatórios, entre outros, o viajante foi modelando no imaginário europeu as visões deste novo mundo, perpetuando modelos preconceituosos e exaltando as diferenças entre os *selvagens* e os *civilizados* (europeus).

Uma grande transformação desta literatura aparentemente informativa deu-se a partir do século XVIII, quando o cientista Carl Linné estabeleceu um grande sistema classificatório que pretendia categorizar todas as formas vegetais do planeta, fossem elas conhecidas ou não dos europeus. Naquela mesma época, ocorreu a primeira expedição científica internacional da Europa, inclusive envolvendo o patrocínio de reinos inimigos, que se uniram em prol do estabelecimento definitivo do formato exato da Terra. A partir destes acontecimentos, os embaixadores da ciência europeia através do mundo iniciariam uma profunda modificação na forma como as elites viam a si mesmas e ao *resto do mundo*.

Este novo modo de descrever o mundo significou também estabelecer nomes europeus a tudo aquilo que estava sendo coletado e classificado. Fosse uma espécie de flor que já fosse conhecida dos nativos por um nome local na Austrália, por exemplo, sua nova nomenclatura dada por um europeu seria a válida para *poder existir como tal*, não apenas para a ciência: subliminarmente, era uma forma de impor ao mundo que a cultura e conhecimento seculares das comunidades colonizadas não tinham valor, e somente aqueles nomes batizados pelo cientista viajante é que deveriam ser inscritos na história natural.

Nomear, sejam plantas ou animais, portanto, é ato inerente à colonização: o europeu se impõe ao *outro* classificando-o, assim como tudo ao seu redor, e tal ação faz parte das estratégias de subjugação dos colonizados. Não se trata apenas de inserir o conhecimento na língua latina e inscrevê-lo em livros para a posteridade: quando um colonizador nomeia, cataloga, ele de fato toma posse da coisa sem o uso da violência e, sob o véu de uma suposta *autoridade* científica, fornece os nomes *corretos* dentro de sua filosofia de ação. E, a partir do momento em que toma conhecimento sobre a natureza do outro, também esta é uma forma de dominação; coletar, classificar, organizar as coleções, tudo isto se constitui em formas de assegurar sua presença no meio que, aos poucos, vai sendo tomado. É quando a máxima se torna verdade: *conhecimento é poder*.

Esta nova tendência de classificação do mundo estendeu seus domínios até mesmo à classificação humana. Frequentemente relacionada a aspectos monstruosos, carregando resquícios do pensamento medieval, as populações das distantes colônias europeias foram também categorizadas de acordo com a imagem negativa que os colonizadores queriam delas construir. Nesta descrição dos povos asiáticos, africanos, americanos e selvagens, comparativamente aos europeus, observamos como é forte a necessidade de descrever negativamente os povos não europeus, conforme nos exemplifica a autora Mary Louise Pratt:

- a) Homem selvagem. Quadrúpede, mudo, peludo.
- b) Americano. Cor de cobre, colérico, ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Pinta-se com finas linhas vermelhas. Guia-se por costumes.
- c) Europeu. Claro, sangüíneo, musculoso; cabelo louro, castanho, ondulado; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis.
- d) Asiático. Escuro, melancólico, rígido; cabelos negros; olhos escuros; severo, orgulhoso, cobiçoso. Coberto por vestimentas soltas. Governado por opiniões.
- e) Africano. Negro, fleumático, relaxado. Cabelos negros, crespos; pele acetinada; nariz achatado, lábios túmidos; engenhoso, indolente, negligente. Unta-se com gordura. Governado pelo capricho. (BURKE, 1758 *apud* PRATT, 1999, p. 68)

Conforme nos afirma a autora, havia ainda uma categoria final de monstros, que incluía anões, os gigantes da Patagônia e os eunucos. Separar os homens em características como *colérico*, de *semblante rude*, *cobiçoso*, *relaxado*, *negligente*, *indolente*, comparativamente às elevadas características do europeu, *musculoso*, *delicado*, *perspicaz*, *inventivo*, *governado por leis* (contrariamente a todos os outros, que seriam *incapazes* de conhecê-las): eis aí onde o mito da superioridade europeia se impõe no inconsciente coletivo, o qual permaneceria mesmo após os longos processos de descolonização do mundo - o que não significa que a mentalidade foi descolonizada destes *princípios*.

A estudiosa Mary Louise Pratt nos conta que, através desta simulada neutralidade dos cientistas viajantes, abriram-se as portas do Novo Mundo, especialmente nas Américas, antes tão inacessíveis, principalmente pelo temor de espanhóis e portugueses de que outras potências europeias tentassem invadir seus territórios. A visão inocente de que um naturalista era senhor apenas de suas coleções no jardim, sem qualquer interesse subversivo ou de espionagem, na verdade, mostrou-se totalmente o oposto. Muitos deles foram utilizados

secretamente por suas coroas para averiguar as possíveis oportunidades comerciais, a vigilância territorial e os perigos potenciais por onde fossem. Esta relação entre comércio e ciência é esclarecida a seguir, e Pratt novamente reforça a ideia colonial de projetar a Europa sobre o *outro*:

Pode-se dizer que as perspectivas comerciais colocaram de forma argumentativa a ciência no âmbito do interesse público geral, embora, na verdade, os benefícios da expansão mercantil e do imperialismo fossem drenados basicamente para pequenas elites. No entanto, no nível da ideologia, a ciência - 'a descrição exata de tudo', como a caracterizou Buffon - criou um imaginário global que transcendia o comércio. Ela funcionou como um espelho rico e multifacetado no qual toda a Europa pôde projetar a si mesma como constituindo um 'processo planetário' em expansão, enquanto abstraía desta imagem a competição, exploração e violência acarretadas pela expansão comercial e política e pelo domínio colonial. (PRATT, 1999, p. 71)

Desta forma, depreendemos que, através da ciência, a Europa projetava sua ideologia para o mundo de forma afirmativa e com tons neutros. Sabemos que no século XIX as colônias americanas começaram seus movimentos de libertação e independência das metrópoles. A aparente benevolência do cientista era a forma perfeita de incutir a hegemonia europeia. Como observa Pratt (1999, p. 33), a figura que melhor representa este indivíduo *pueril* é o observador (*seeing-man*), caracterizado como um “[...] súdito europeu masculino, com um horizonte europeu de discurso - os olhos imperiais que passivamente veem e possuem.”. O observador é o agente da anticonquista: termo que a autora usa para definir as “[...] estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia.” (PRATT, 1999, p. 33).

A construção desta nova narrativa de viagens amparada pela ciência é que deu a tônica deste nascente modelo de representação do mundo não-europeu.

2.3 A Amazônia inventada através dos relatos de viagem

A construção do imaginário sobre a Amazônia ocorre desde o início das conquistas dos territórios americanos já no século XVI. Muitas vezes retratada como o lugar para onde se ia jovem e se voltava velho, das guerreiras Amazonas, ou ainda do reino *El Dorado*, estes e outros mitos foram responsáveis por edificar no pensamento coletivo europeu a visão de um paraíso na terra - ou inferno,

dependendo de quem a retratava. A origem deste pensamento é que, segundo a amazonense Neide Gondim (1994, p. 9),

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. Nesse bojo inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada, delícia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adâmica normal e habitantes de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas. (GONDIM, 1994, p. 9)

Sendo igualmente descrita em termos de posse e estabelecimento de missões religiosas de caráter informativo ao reino de Portugal, também após o século XVIII a Amazônia começou a ser explorada mais de perto pelos cientistas viajantes. Como muito bem exemplifica Márcio Souza,

Com a onda de cientistas viajantes, começa a ser fabricado o renitente mito de que a Amazônia é um vazio demográfico, uma natureza hostil aos homens civilizados, habitada por nativos extremamente primitivos, sem vida política ou cultural. É a Amazônia terra sem história, que tem permitido toda sorte de intromissão e arbitrariedade. (SOUZA, 2009, p. 163)

Nesta fase de maior penetração estrangeira na Amazônia, a visão de um espaço vazio no meio da selva, que precisa ser colonizado – explorado economicamente, em termos mais claros – começa a ser divulgado entre as potências europeias. Relatado pelos cientistas como um mundo de riquezas naturais a desvendar, seria um desperdício mantido sob o poder de quem *não sabe* utilizar melhor estes potenciais – tarefa que caberia ao europeu *empreendedor*, que na realidade sabe bem como esgotar seus próprios recursos naturais e necessita *saquear* outros continentes a fim de poder manter seu poderio econômico. Esta visão de inevitabilidade em colonizar a Amazônia está presente na narrativa de TR, como veremos no decorrer deste trabalho. Apresentaremos a seguir a análise do discurso de TR à luz do pensamento Pós-Colonial.

3 O DISCURSO DE THEODORE ROOSEVELT REVISITADO SOB A LUZ DO PÓS-COLONIALISMO

Muito se falou até o momento na figura do europeu colonizador, porém, devemos ter a clara noção de que, sendo TR estadunidense, e que os Estados Unidos, como asseverou Cesáire, é um produto da Europa, compreende-se que toda a ideologia do mito de superioridade das *raças puras do norte* estende-se aos Estados Unidos, e o comprometimento de ideais do Pós-Colonialismo aplica-se este novo império mundial.

Edward Said nos fala que os romances de viagem configuraram por muito tempo como o veículo de legitimação dos valores pregados pelo imperialismo. Através deles, o público leitor europeu assimilava e reconhecia como autênticos os modelos de ação de seus iguais perpetrados nas colônias. Afinal, *a mentira contada mil vezes que se transforma em verdade* (como imortalizada na frase do Ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels), naturalizava os assassinatos e abusos cometidos em nome do imperialismo naquelas terras tão distantes povoadas por habitantes *sem civilização*. Utilizando-se dos romances de viagem, na época tão em voga, o escritor, produto de seu tempo, expunha nas linhas literárias os acontecimentos, as conquistas, a sua visão dos fatos ocorridos nas colônias:

O principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra; mas quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem agora planeja seu futuro - essas questões foram pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa (SAID, 2011, p. 11)

Said continua ainda nos esclarecendo que Joseph Conrad, escritor inglês do início do século XX, iniciou intenso trabalho de legitimação das posturas imperialistas nas colônias inglesas daquele período. Atendendo aos anseios do público, que apreciava os retratos de paisagens distantes e a intervenção do europeu contra os povos *bárbaros*, em seu livro *Coração das trevas* é evocado de modo apaixonado como deve ser o modo de agir do europeu em solo africano. Said o considera como

[...] o precursor das concepções ocidentais do Terceiro Mundo que encontramos na obra de [...] autores de relatos de viagem, cineastas e polemistas cuja especialidade consiste em apresentar o mundo não

européu aos públicos europeu e norte-americano, seja para análise e julgamento, seja para satisfazer seu gosto pelo exótico. (SAID, 2011, p. 18)

Todo este conjunto de *modus operandi*, de como tecer uma narrativa de viagem, influenciou TR na escritura de seu livro *Nas selvas do Brasil*. Associado à pretensa tarefa de relatar uma simples expedição naturalista na selva amazônica, TR também deixa entrever seus sentimentos em relação ao povo brasileiro que lhe acolheu durante a jornada.

Roosevelt partiu com a missão de transformar seus relatos diários em um livro ao final de Expedição. Primeiramente publicado em capítulos da prestigiada revista *Scribner's*, de Nova Iorque, transformou-se então na obra *Through the Brazilian wilderness*. Fato interessante de observar é que ele foi muitíssimo bem remunerado para executar esta tarefa. Conforme nos informa Coutinho:

Um dos grandes jornais de Nova Iorque pagava à razão de um dólar por palavra os artigos de Theodore Roosevelt sobre o Brasil, depois reunidos no livro *Through the Brazilian Wilderness*, publicado nos Estados Unidos em 1914, e no Brasil trinta anos depois, em tradução de Conrado Erichsen, que se chamou *Através do sertão do Brasil* (Companhia Editora Nacional, 1944). (COUTINHO, 1987, p. 18)

Em cálculos atuais, um dólar por palavra é o equivalente a quase US\$23⁸. Vinte e três dólares, *por palavra escrita*, denota o extremo e lucrativo interesse de TR por esta viagem à América Latina. Considerando que ele também fora muito bem remunerado por suas palestras nos países por onde passou, e sempre sendo recebido sem qualquer custo a despender, o interesse da figura do colonizador em sempre auferir vantagens sobre a colônia é bem visualizado nestes cálculos demonstrativos.

3.1 Da descrição preconceituosa do colonizado

Em *Nas selvas do Brasil*, a narrativa da expedição propriamente dita inicia quando TR encontra-se com o Coronel Rondon na fronteira entre Paraguai e Mato Grosso. Dali partiriam em comitiva pelas estradas de terra até o local onde Rondon havia encontrado a suposta nascente do Rio da Dúvida, em 1909. De fato, enquanto adentram pelo interior do Brasil, a descrição dos fatos começa a ganhar mais tons imperialistas e, segundo o próprio filho de TR, Kermit, “Existe um ditado universal

⁸ Com informações do site <http://www.dollartimes.com/calculators/inflation.htm>

segundo o qual é quando os homens se embrenham na natureza selvagem que eles se mostram como realmente são.”.(MILLARD, 2007, p.243). É a partir daí que TR começa a demonstrar na sua narrativa o que pensa a respeito das pessoas que viu e das que lhe acompanharam na sua jornada.

O trabalho realizado pela jornalista Millard envolveu pesquisas bibliográficas não apenas dos testemunhos de TR, mas também da maioria dos envolvidos na expedição. Tendo consultado diários pessoais da viagem, constatou que, em carta a sua noiva, Belle Willard, o filho de Roosevelt, Kermit, escreveu sinceramente o que pensava a respeito da manada que carregava os pertences da expedição mata adentro: “Dá vontade de matar a manada toda e todos os membros da expedição” (Millard, 2007, p. 91), o que permite analisar também seu sentimento quanto aos camaradas (trabalhadores braçais que executavam o trabalho pesado) que conduziam e tentavam controlar os animais de carga que levavam todas as bagagens dos homens.

O século XIX representou uma época de grandes revoluções para os países latino-americanos, os quais buscaram desamarrar-se de suas metrópoles europeias e constituir as novas nações independentes da América. O colonialismo, na forma como vinha sendo praticado desde o período das *grandes descobertas*, tornava-se insustentável em virtude dos enormes avanços do capitalismo após a Revolução Industrial. Em alguns países, o que aconteceu de fato foram revoluções de *fachada*, a fim de transformar as economias dos novos países em consumidoras das manufaturas europeias, mais uma vez subjugando-os ao poderio econômico das potências europeias. Esta *mania de revolução*, nas palavras de TR, deveria ser contida, de forma a adequar-se, sempre, aos interesses das grandes potências:

O Paraguai é um país de grandes possibilidades, que se poderão tornar em realidade muito em breve, desde que os seus habitantes abandonem definitivamente a mania de revolução e estabeleçam um governo de permanência e ordem. O povo é excelente; as duas fontes de sangue — branco e índio - deram bom resultado. (ROOSEVELT, 1976, p. 45)

Neste trecho, TR deixa clara sua postura como representante do imperialismo ianque: não interessa aos EUA que os países sul-americanos, que eles tanto desejam manipular, se revoltem e rebelem; devem ser, sim, aos olhos do colonizador, pacíficos e dóceis, tais como animais domésticos, para que deste modo a tarefa se torne mais *fácil*, que é dominar estes países em nome de políticas como

a Doutrina Monroe, que foi revisitada em seu governo através do Corolário Roosevelt. Said nos explica a seguir como o colonizador compara os nativos a crianças que suplicam a seus pais, que vivem de forma submissa e que só existem em virtude de seu patriarca:

Conrad parece nos dizer: 'Nós, ocidentais, decidiremos quem é um bom ou um mau nativo, porque todos os nativos possuem existência suficiente em virtude de nosso reconhecimento. Nós os criamos, nós os ensinamos a falar e a pensar, e quando se revoltam eles simplesmente confirmam nossas ideias a respeito deles, como crianças tolas, enganadas por alguns de seus senhores ocidentais'. (SAID, 2011, p. 19)

É isso, com efeito, o que os americanos sentem em relação a seus vizinhos do sul: deixem que tenham a ilusão de liberdade, de que constituem um país soberano, que a independência seja desejável para (e por) eles, desde que seja o tipo de independência que *nós* aprovamos, a liberdade que cabe na palma das mãos do imperialista estadunidense manipulador de marionetes dos países latino-americanos. Qualquer outra é inaceitável e, pior, impensável.

A seguir temos uma série de assertivas de TR em relação ao seu modo de descrever os nativos pobres do interior do Mato Grosso. Constantemente o autor evidencia de modo preconceituoso a mistura de raças entre os povos, fruto do contínuo encontro entre indígenas, europeus e negros. Novamente, em seu relato TR revela sua visão discriminatória em relação aos brasileiros:

A cor da pele daquela gente indicava claramente sua origem indígena e negra, posto que alguns revelassem também fortes traços de sangue branco. Usavam camisa comum, calças, um avental de couro franjado e chapéus deformados. Seus pés descalços eram duros como chifre. (ROOSEVELT, 1976, p. 72)

O autor deixa entrever uma espécie de incômodo com o aspecto dos moradores das vilas por onde passava. Não apenas critica sua cor como suas vestimentas: camisa *comum*, chapéus *deformados*, pés descalços *duros* como *chifre*. Sendo testemunha das condições de vida da gente pobre do interior do Mato Grosso, não teria TR compreendido que roupas da qualidade das que ele próprio vestia eram de fato inacessíveis ao poderio econômico daquelas pessoas?

Descrevendo os vaqueiros que os acompanhariam no trajeto até a próxima cidade a ser visitada, TR retoma a sua série de descrições inapropriadas à realidade: "Os vaqueiros eram do tipo com o qual já estávamos bastante familiarizados: pele bronzeada, magros, mal-encarados, chapéus *deformados*,

camisas e calças *surradíssimas*, avental de couro com franjas e pesadas esporas nos pés *descalços*.” (ROOSEVELT, 1976, p. 91, grifos nossos). Parecendo já estar cansado desta visão, enfatiza esta familiaridade como traço definitivo de absolutamente todos os nativos da região.

Pratt nos fala em como o colonizador trabalha para desfigurar a personalidade do nativo. Este é frequentemente retratado como uma mescla indefinida, uma mistura: ele não tem nome, não possui uma identidade, não tem voz no discurso. Todas estas características corroboram a visão de TR acerca da representação das pessoas com quem encontrou: “[...] todos são intercambiáveis, nenhum é distinguível pelo nome ou qualquer outra característica, e sua presença, sua *disponibilité* e estado subalterno, são tidos como certos.” (PRATT, 1999, p. 100).

Ao exprimir manifestações de despreço pelo que via, Roosevelt reflete o que Edward Said propõe quando discute Orientalismo. Para o pensador palestino, esta postura faz parte da retórica do colonizador: afinal, todo aquele caos da colônia existe para que ele possa trazer a ordem ao lugar:

Todas essas obras [...] sustentam que a fonte da ação e da vida significativa do mundo se encontra no Ocidente, cujos representantes parecem estar à vontade para impor suas fantasias e filantropias num Terceiro Mundo retardado mental. Nessa visão, as regiões distantes do mundo não possuem vida, história ou cultura dignas de representação sem o Ocidente. E quando há algo para ser descrito, é [...] indizivelmente corrupto, degenerado, irremediável (SAID, 2011, p. 21)

Os relatos de TR, podemos argumentar, confirmam a visão colonizadora descrita por Said. Para aquele, dignos de respeito não eram os nativos, mas sim os homens poderosos que o faziam lembrar os fazendeiros americanos.

Assim, podemos dizer que, diferentemente do modo como TR representava os nativos pobres do interior, que na sua visão certamente jamais teriam acesso à sua obra, é surpreendente como as famílias ricas que os abrigavam na parte terrestre da viagem são descritas: “O nosso hospedeiro e seu filho nos faziam lembrar aqueles melhores tipos de fazendeiros norte-americanos, verdadeiros representantes da valentia e da desportividade,[...] bem como excelentes servidores da nação” (ROOSEVELT, 1976, p. 79). A disparidade de tratamentos nos abre o seguinte questionamento: há colonizados que são *mais* colonizados que outros? Roosevelt sabia que estas pessoas poderiam vir a ler seu livro, e não gostaria de desmerecer o tratamento que lhe fora dispensado.

Em outro trecho, Millard expõe o pensamento de TR acerca das populações indígenas:

Roosevelt, por sua vez, não pretendia sacrificar a expedição nem a vida de nenhum de seus homens no altar dos ideais de Rondon. Como jovem fazendeiro nos territórios de Dakota, ele havia vociferado: 'Não chego ao ponto de pensar que os únicos índios bons são os índios mortos, mas acho que isso vale para nove entre dez deles, e eu não gostaria de examinar muito de perto para achar o décimo'. (MILLARD, 2007, p. 123)

Nesta passagem, os membros da expedição discutiam o que fariam no caso de encontrarem índios que jamais tivessem entrado em contato com o homem branco – ao que, posteriormente, verificou-se que os índios Cinta Larga habitavam a região das margens do Rio da Dúvida, porém escolheram não se fazerem vistos pela expedição. Contrariando o lema indigenista pelo qual Rondon ficou tão conhecido – morrer se preciso, matar nunca – TR mostra seu total despreço com os índios, através do pensamento exposto pela autora.

Quando TR considera que os únicos índios bons são os índios mortos⁹, tal visão encontra sua explicação na ideia de Cesáire, de como o aparato ideológico do colonialismo trabalha para retirar até mesmo o aspecto humano do colonizador, para “[...] des-civilizar o colonizador, para embrutecê-lo no sentido literal da palavra, para despertar seus recônditos instintos em prol da violência, do ódio racial, do relativismo moral.” (CESÁIRE, 2010, p. 19). Aqui cabe questionar: afinal, quem seria então o selvagem? Ao utilizar-se da matança dos nativos, o que se revelou ao longo dos séculos de colonização foi o genocídio de tantas populações indígenas, em nome da cobiça e busca desenfreada de obter lucros e dominação territorial.

3.2 Da natureza inferiorizada pelo colonizador

Em diversas passagens do seu relato, TR enfatiza as disparidades entre a natureza de seu país e aquela que estava diante de seus olhos. Millard parece ter se utilizado deste mesmo expediente em sua escrita, quando também destaca uma comparação entre cobras cascavéis encontradas na América do Norte e aquela que picou a bota de TR e por muito pouco não lhe ceifou a vida:

⁹ Apesar de não fazer parte de nossa pesquisa, este ódio em relação aos indígenas retratado na afirmação de TR muito nos lembra da atuação do conhecido General Custer (George Armstrong Custer, 1839-1876), famoso por sua intolerância e pela morte de muitos índios norte-americanos. Morreu na Batalha de Little Big Horn, pelas mãos dos guerreiros Sioux liderados por Touro Sentado.

“É tão letal a picada de uma cobra-coral que, no Brasil rural da época da expedição de Roosevelt, as populações locais nem sequer tentavam tratá-la. Não existia antídoto, e quando alguém era picado era imediatamente dado como morto. Na América do Norte, naturalistas usam um velho ditado - ‘Se o vermelho toca o amarelo, o sujeito é perigoso (*Red touching yellow, dangerous fellow*)’ - para ajudar a distinguir cobras não venenosas da mortal cobra-coral, com seus característicos anéis pretos, vermelhos e amarelos. Esse ditado, porém, é inútil na Amazônia, onde muitas das mais de cinquenta espécies de cobras-coral têm anéis vermelhos e amarelos que não se tocam, mas mesmo assim são mortais”. (MILLARD, 2007, p. 168)

Em se tratando de serpentes, ao que transparece neste trecho, todas são mortais, porém, as amazônicas supostamente são *mais* mortais e *piores* que suas análogas do hemisfério norte, principalmente pelo fato de não *avisar*, com um colorido diferente, ao andarilho das matas. É como se a natureza de lá fosse melhor que daqui – até os bichos carregariam traços de civilidade? Quando o colonizador empreende seu projeto de inferiorizar o *outro*, o colonizado, até a natureza é alvo de suas observações.

Os aspectos terríveis da natureza são exaltados no mais alto grau, de forma que se perceba principalmente o exótico e ao mesmo tempo a exaltação de quem consegue sair vivo de uma aventura destas: os sobreviventes têm poder até mesmo sobre a natureza, ou seja, são capazes de dominar a selva e sair ilesos de seus horríveis perigos para depois contar suas proezas. Até neste aspecto o colonizador quer se sobrepor, manifestar um sentimento de dominação sobre todas as coisas e fatos da terra do colonizado.

Roosevelt revela na próxima assertiva uma enorme disparidade em relação à fama que possuía em sua terra como defensor da natureza. Tendo sido o presidente estadunidense que mais criou parques naturais em sua pátria, apresenta um pensamento contrário quando se trata da fauna do país visitado: “Os jacarés do [rio] Paraguai não são ordinariamente perigosos para o homem; às vezes, porém, se transformam em comedores de carne humana, razão por que devem ser combatidos em toda oportunidade.” (ROOSEVELT, 1976, p. 49)

Onde está o discurso de *defesa* da natureza? Ou serve apenas para defender a fauna do seu próprio país, enquanto a dos países sul-americanos serve apenas como seu *playground* de caçadas fenomenais em nome da *ciência*? E a frase inscrita no *hall* de entrada do Museu Americano de História Natural, para sempre imortalizada? “Há um prazer na vida ao ar livre. Não há palavras que possam descrever o espírito oculto da selva, que possam revelar o seu mistério, a sua melancolia e seu charme. A nação se comporta bem se trata os recursos naturais

como bens que devem ser transmitidos para a próxima geração de um modo maior, e não que seja diminuído no seu montante. Conservação significa desenvolvimento, tanto quanto proteção."¹⁰(tradução nossa). Há uma incongruência entre o desejo de firmar o pensamento conservacionista entre o povo estadunidense e o comportamento nocivo de matança dos jacarés do rio Paraguai.

Em plena selva amazônica, justamente na parte da viagem em que as provisões de alimentos começavam a escassear cada vez mais, encontrar alimentos no meio da mata era tarefa das mais árduas. Quando tal fato ocorria, era motivo de comemoração: “O mel era delicioso: doce, mas de sabor picante. As colmeias diferem muito das colmeias de nossas abelhas” (ROOSEVELT, 1976, p. 169). Neste trecho percebe-se o desagrado de TR para com o alimento provido pela natureza, e mais uma vez a eterna comparação entre ambientes tão distintos dá lugar à crítica: as abelhas brasileiras não são capazes de produzir o mel exatamente do modo como Roosevelt tanto aprecia! É como se ouvíssemos um duplo suspiro, de alívio – por ter encontrado mel! – e de desânimo – porque em nada se parece com o mel que ele conhece, o mel que para assim ser verdadeiramente chamado deve carregar as mesmas características do seu conhecido mel da América do Norte. Em suma, não há nada para ser valorizado na colônia, tudo o que sua vista alcança precisa ser melhorado para adequar-se segundo as *suas* necessidades.

3.3 De como a retórica colonialista opera para justificar o empreendedorismo colonial

Durante sua descida ao Rio da Dúvida, Roosevelt, por diversas vezes, observa a paisagem e opina sobre o futuro potencial da região caso viesse a ser colonizada. Amparado mais uma vez sob a mítica figura do inocente cientista que apenas *observa*, sem jamais interferir nos horizontes político-econômicos – ele apenas *sugere* e imagina o futuro brilhante que pode ser empreendido na colônia – TR esconde-se sob esta máscara para transparecer seus reais intentos. A colônia é

¹⁰“There is a delight in the hardy life of the open. There are no words that can tell the hidden spirit of the wilderness, that can reveal its mystery, its melancholy and its charm. The nation behaves well if it treats the natural resources as assets which it must turn over to the next generation increased; and not impaired in value. Conservation means development as much as it does protection” (Inscrição na parede da entrada do Museu Americano de História Natural, na cidade de Nova Iorque, EUA.)

uma empresa, e ele visualiza todos os potenciais lucros que o conquistador pode dela sacar, conforme nos esclarece Pratt a seguir:

Na literatura da fronteira imperial, a inocência conspícua do naturalista, suponho, adquire significado em sua relação com uma assumida culpa pela conquista, uma culpa da qual a figura do naturalista eternamente procura se esquivar, e que eternamente menciona, nem que seja apenas para distanciar-se dela mais uma vez. Ainda que os viajantes estivessem testemunhando as realidades diárias da zona de contato, mesmo que as instituições do expansionismo tenham tornado possíveis suas viagens, o discurso de viagem que a história natural produz, e que é produzido por ela, repousa sobre um grande desejo: uma forma de tomar posse sem subjugação ou violência. (PRATT, 1999, p. 108)

Ele conclama um exército de gente de *boa* raça oriunda do norte a tomar seu lugar naquela selva momentaneamente habitada pelos locais, mas que necessita, no imaginário do colonizador, ser *melhor* utilizada:

Certamente, no futuro, esta região será centro de uma *população sadia e altamente civilizada*. Trata-se de excelente zona para criação de gado, possuindo ainda ótimos vales para agricultura. De junho a setembro costuma haver noites realmente frias. Qualquer *raça pura do norte* poderá aí radicar-se, pois que tal terra e tal clima prodigalizariam excelente viver. (ROOSEVELT, 1976, p. 122, grifo nosso)

Com isto TR quer dizer que, além de a terra ser mal habitada, mal aproveitada, era ainda habitada por raças impuras, incapazes de prover o *progresso* que ele visualiza, o qual chegará apenas através do capitalismo e ganância do colonizador.

Interessante e pertinente se mostra a crítica de Cesáire a este respeito, da noção que o colonizador tem de que somente estas *raças puras do norte* são capazes de conduzir o progresso nos trópicos. O estudioso critica De Gourou, o qual, em seu livro *Os países tropicais*, exprime

A tese fundamental, parcial, inadmissível, de que jamais existiu uma grande civilização senão em climas temperados; de que em todo país tropical o gérmen da civilização chega e só pode chegar de outro lugar extratropical e que sobre os países tropicais pesa, na falta de maldição biológica dos racistas, pelo menos e pelas mesmas conseqüências, uma não menos eficaz maldição geográfica. (DE GOUROU *apud* CÉSAIRE, 2010, p. 48)

As afirmações de Gourou, como de tantos outros, manifestam o olhar preconceituoso do colonizador em relação aos oprimidos, e em muito se assemelha

à visão de TR quando se trata de projetar que a *civilização* e o *progresso* só podem vir do norte, ou seja, de regiões fora dos trópicos.

Continua ainda a opinar sobre o que é melhor para uma terra que nem é a sua. A ganância, disfarçada de *empreendedorismo* colonial, é exposta novamente neste trecho: “Há minas, quedas d’água e abundância de solos ricos. Breve essa zona será cortada por estrada de ferro. Oferece, pois, todas as possibilidades de colonização. É uma zona de grande futuro.” (ROOSEVELT, 1976, p. 75). Novamente, Mary Louise Pratt nos ajuda em nossa reflexão e bem exemplifica com que tipo de retórica o colonizador se utiliza para demonstrar a necessidade do lugar de ser *melhor* aproveitado:

[...] o olho que, numa acepção espacial, examina as potencialidades, sabe também estar examinando as perspectivas num sentido temporal - as possibilidades de um futuro colonial são codificadas como recursos a desenvolver, excedentes a ser comercializados, cidades a construir [...] As descrições visuais pressupõem - naturalizam - um projeto transformador incorporado pelos europeus. É tarefa dos batedores avançados do ‘aperfeiçoamento’ capitalista caracterizar aquilo que encontram como ‘não aperfeiçoado’ e, mantendo a terminologia da anticonquista, como *disponível*, aberto a aperfeiçoamentos. As aspirações européias devem ser apresentadas como incontestadas. Nesse ponto, a separação textual de paisagens e pessoas, de relatos sobre habitantes e relatos sobre seus habitats, atende sua lógica. O olhar aperfeiçoador europeu apresenta habitats de subsistência como paisagens ‘vazias’, significativas apenas em termos de um futuro capitalista e de seu potencial para a produção de excedentes comercializáveis [...] Não apenas os habitats devem ser apresentados como vazios e não aperfeiçoados, mas os habitantes também. Para o olhar aperfeiçoador, as potencialidades do futuro eurocolonial são justificadas com base nas ausências e lacunas da vida africana do presente. (PRATT, 1999, p. 114-15)

A pergunta é: para o bem de quem que existe esta tal necessidade de preencher estas lacunas do espaço colonial? E que tipo de melhorias traria para o nativo amazônico? A resposta é certa: o nativo não usufrui dos lucros desta partilha ingrata que contempla apenas o usurpador, o forasteiro, o saqueador.

Aos nativos, na visão imperialista, cabe apenas o papel de serviçal para, ao final, lhes apresentar os frutos do trabalho. Não é assim que funciona a lógica do ocidental? A mão de obra local, ademais, é encarada como uma simples engrenagem da máquina colonialista. O descarte do nativo, que jamais é visto com um ser humano com valores, cultura e pensamento próprios, é relatada por Nenevê e Gomes: “O trabalhador, o não-europeu não é considerado como indivíduo, mas como uma peça de trabalho que pode ser usada por tempo determinado e, em caso

de diminuição da capacidade, é facilmente substituída por um similar.” (NENEVÉ; GOMES, 2011, p. 25).

Vejamos como continua o pensamento do nosso autor em questão, sobre quando imagina a quem cabe o papel de chefiar a colônia: “a região ofereceria excelentes oportunidades aos colonos do melhor tipo: construtores, empreiteiros e homens de negócios com visão e sagacidade que viessem a transigir com os colonos, com os construtores e com imigrantes sob um sistema cooperativista.” (ROOSEVELT, 1976, p. 130). A terra que não é cultivada, em seu ponto de vista, *pede para ser melhor* utilizada, pois, como nos ensina Pratt, na visão do colonizador, os nativos *não têm competência* nem capacidade para executar tal tarefa, que cabe àquela suposta raça superior do norte. A autora afirma, com exemplos, o discurso repetitivo do colonizador:

‘Que cenário para um agricultor arrojado! Atualmente, tudo está negligenciado.’ Em contraste direto com Humboldt, a natureza inexplorada tende a ser vista nesta literatura como incômoda ou feia e seu próprio caráter primitivo, um sinal do fracasso da audácia humana. A negligência passa a ser a pedra de toque de uma estética negativa que legitima o intervencionismo europeu. [...] Charles Cochrane, que foi à Colômbia para investigar o potencial das minas e de criação de pérolas, escreveu o panorama americano como uma máquina dormente esperando para ser acionada: Existem naquele país todas as condições para empreendimentos, e toda perspectiva de sucesso: só está faltando o homem para pôr em movimento toda esta máquina, agora inativa, mas que, com capital e indústria, pode ser fonte de ganhos certos e, afinal, de riqueza. Aqui, o termo “homem” evidentemente designa alguém que não os então habitantes do país. (PRATT, 1999, p. 258-59)

A autora nos mostra que a retórica do conquistador é repercutida século após século, suas justificativas são sempre as mesmas, as narrativas apresentam um padrão de comportamento previsível. A ideologia imperialista ficou demonstrada, como nos lembra a estudiosa Pratt, em Charles Cochrane (como no trecho citado), em Roosevelt, no nosso caso, e em tantos outros que os precederam ou vieram depois. Os artifícios de convencimento imitam uns aos outros, sempre o mesmo aparato ideológico propagado tantas mil vezes para convencer não apenas os seus iguais, mas o próprio povo oprimido de que aquele é o caminho certo a seguir, legitimando as atitudes intervencionistas do estrangeiro que somente quer auferir lucros tomando o que não é seu nem jamais foi um dia.

A discussão sobre a falácia do desenvolvimento e do progresso, a quem os colonizadores julgam serem os condutores de tais valores às nações

subdesenvolvidas, é extensamente trabalhada por Arturo Escobar. O antropólogo colombiano retrata como a criação do Terceiro Mundo pelos países ditos desenvolvidos na verdade se compõe de uma nova forma de colonialismo revestida de ideal beneficente para com os países menos desenvolvidos.

Nenevé e Gomes citam o discurso do presidente estadunidense Truman que, em 1949, falou sobre levar o progresso aos *desfavorecidos*:

“E a chave para a maior produção é uma aplicação do moderno conhecimento técnico mais amplo” (TRUMAN, 1949). A ambição de Truman era mesmo grande: levar tecnologia e progresso para os menos desenvolvidos, provocar uma revolução ao promover o rápido crescimento dos bens materiais, da melhoria de vida. Este era um sonho americano que deveria ser expandido ao mundo, o sonho da abundância. Este sonho tinha obstáculos e um deles era a diversidade de culturas. (NENEVÉ; GOMES, 2001, p. 25)

A crítica dos autores, em relação ao projeto de expansão do *american dream* em todo o mundo, é de fato bastante pertinente. O ideal de desenvolvimento considera apenas as vertentes econômicas a serem alcançadas, e o que estiver neste entorno deve se enquadrar para este objetivo. A este respeito, Escobar esclarece o *modus operandi* deste modelo de ação:

Formas de conhecimento local e modelos de compreensão da natureza são sacrificados em favor de um modo racional de governo com a constituição de programas de alavancagem econômica, supostamente geradores de bem-estar a populações entendidas como pobres. O desenvolvimento foi - e continua a ser em grande parte - uma abordagem de cima para baixo, etnocêntrica e tecnocrática que trata as pessoas e culturas como conceitos abstratos, estatísticas que podem ser movimentadas para cima e para baixo em gráficos de progresso (ESCOBAR, 1995¹¹ apud RADOMSKY, 2011).

O autor constantemente relata a situação dos povos afro descendentes e indígenas que vivem na costa do Pacífico colombiano. O fator humano, como Escobar frisa, é deixado em segundo plano, em nome de estatísticas e metas a serem alcançadas, do capital e do lucro.

3.4 Do caos em meio à selva

¹¹ ESCOBAR, Arturo. **Encountering development**: the making and unmaking of the Third World. Princeton: Princeton University Press, 1995.

Nesta passagem temos uma clara noção de como os louros da expedição seriam recebidos por TR, e a consagração histórica lhe seria devida assim que completasse a incrível jornada, no sentido mais favorável e imperialista do termo. Segundo Millard:

A diferença entre a *expedição de Roosevelt* e a dos incontáveis seringueiros que tinham tentado em vão vencer os selvagens afluentes do Amazonas era que *Roosevelt ia descer* o rio da Dúvida, e não tentar abrir caminho rio acima. [...] Aquele mundo, no qual, para o bem ou para o mal, *ele* estava prestes a entrar, era estranho e completamente desconhecido, [...] Roosevelt estava prestes a se tornar um explorador no sentido mais verdadeiro e implacável da palavra. (grifos nossos) (MILLARD, 2007, p. 133)

Nestes trechos, ficam ressaltadas as qualidades de bravo explorador de TR, de que apenas ele estaria no topo do grande feito, sem reconhecer que a expedição era duplamente comandada por TR e Rondon. Aqui, as glórias são dadas apenas ao americano, excluindo o nome de Rondon no grande reconhecimento histórico do que ainda estaria por vir. Mais ainda: o destemido Roosevelt é tomado neste trecho como um imbatível e solitário desbravador de selvas, já que *ele* sozinho estava prestes a entrar naquele mundo novo e desconhecido, novamente desconsiderando que toda a equipe da expedição estaria ainda por provar tantos dissabores e dificuldades no decorrer da descida do rio.

Sobre os diferentes pontos de vista dos integrantes da expedição, observa-se que os americanos, especialmente TR e Kermit, ansiavam por uma travessia rápida e sem maiores intercorrências: uma viagem de lazer. Para Rondon, era uma oportunidade histórica e quase única de descer o rio desconhecido, traçar seu curso e inscrevê-lo no mapa. Para ele, aquela não era uma tarefa para executar de qualquer maneira, e assim nos informa Millard:

[...] as diferenças entre os líderes americanos e brasileiros tornaram-se maiores. Roosevelt e Kermit não queriam outra coisa senão seguir em frente e rápido. Tendo deixado a vida em suspenso por aquela expedição, tudo o que Kermit queria era um avanço veloz e sem incidentes. Mesmo para Roosevelt, aquela viagem, uma oportunidade rara tanto de aventura como de realizações, era apenas mais um troféu, que ele guardaria junto das lembranças de seus tempos de fazendeiro do oeste, da batalha do monte San Juan e dos seus sete anos na Casa Branca. Se sobrevivesse, ele voltaria o mais rápido possível para os Estados Unidos e para a agitada vida política que levava antes de pôr os pés na América do Sul. Para Rondon, porém, a descida do rio da Dúvida não era um evento isolado. Era parte integrante de um quarto de século de esforço e sacrifício extraordinários. Rondon aceitara o compromisso porque sabia que Theodore Roosevelt poderia dar à comissão a espécie de atenção pública de que ela precisava para manter o financiamento e o apoio político do governo brasileiro. Aquela expedição era uma oportunidade de fazer

história, e Rondon não iria fazê-la às pressas - custasse o que custasse. (MILLARD, 2007, p. 138)

Nas palavras de Millard, observa-se que a descrição dos interesses de Rondon baseavam-se puramente no reconhecimento do trabalho do sertanista através do Roosevelt: sem este, é como se todo o trabalho de sua vida não tivesse sido valorizado até então, o que ocorreria somente após a enorme projeção e apoio dados por TR. Este trecho é, no mínimo, questionável: nele não são citadas cartas ou referências para admitir tais conclusões a respeito dos objetivos de cada um na viagem.

A descida pelo Rio da Dúvida ocorria lentamente, por vezes em consequência das corredeiras que se mostravam inusitadamente, outras pelo detalhado trabalho de medição do rio, o que inclusive foi causa de discórdia entre os comandantes da expedição. Em variadas ocasiões os homens perderam sua preciosa carga de alimentos¹², tão necessárias em uma viagem como aquela.

Devido ao fato de precisarem ater-se ao que era extremamente indispensável levar naquela descida, os homens desfizeram-se das canoas trazidas do Canadá e realizaram a viagem em canoas primeiramente compradas de índios, e depois, na medida em que as perdiam, os camaradas precisavam construir outras com a madeira encontrada na mata. Esta constante perda de víveres é extremamente criticada por TR, que lamenta o tempo todo pela decisão em terem se desfeito das canoas canadenses, que eram “uma maravilha: leve segura, espaçosa, feita com peças finíssimas de madeira e revestida de lona” (ROOSEVELT, 1976, p. 98), ou seja, a representação da noção de civilização em forma de canoa!

Ao contrário das canoas canadenses, estavam os membros viajando em canoas de madeira que, na visão de TR, não ofereciam qualquer segurança. Critica desta maneira que nada na colônia funciona, tudo é precário, e lamenta não apenas nesta mas em diversas passagens como a viagem teria sido melhor sucedida se realizada nas canoas abandonadas:

Meia dúzia de vezes atravessamos rápidos que não seriam obstáculos para as canoas canadenses carregadas e duas destas seriam de imensa utilidade para nós. As nossas eram toscas e as que conduziam as cargas

¹² Fiala cuidou de separar mantimentos luxuosos para uma viagem como aquela. Leo Miller, um dos naturalistas do Museu, descreveu em uma carta o que estava guardado nas latas de alimentos que Fiala preparara para os homens: “Descobrimos caixas inteiras de azeite de oliva, mostarda, leite maltado, azeitonas recheadas, ameixas secas, molho de maçã, e até vinho do Reno.” (MILLARD, 2007, p. 139)

moviam-se quase submergidas, apenas com oito a dez centímetros da borda acima da superfície das águas; embora estivessem protegidas lateralmente, com folhas de buriti, tomavam bastante água na travessia das corredeiras. [...] Na *selva selvaggia*, sem uma base de previsão no tempo e no espaço, pois não fazíamos absolutamente qualquer ideia de como, onde e quando sairíamos daquela situação – é de importância vital a perda de qualquer coisa, sobretudo alimentos. (ROOSEVELT, 1976, p. 174)

Até mesmo a precisão de um aparelho medidor é questionada por Roosevelt no seguinte trecho:

Até aquele ponto já havíamos percorrido 102 km do rio, de acordo com a medição, com uma descida de altitude equivalente a 100 m, segundo o aneróide. Estes resultados eram, entretanto, aproximados, visto como não se podia confiar plenamente na exatidão do aparelho, neste caso. (ROOSEVELT, 1976, p. 171)

Desta forma, resta evidente que o desprezo do colonizador pela realidade vivida na colônia e pelas pessoas que nela habitam, e se comprovam através de afirmações carregadas de preconceito como nos exemplos acima.

Durante a descida ao rio da Dúvida, os membros da expedição testemunharam duas mortes (Simplicio e sargento Paixão) e um abandono de um camarada na selva (Júlio de Lima). A primeira morte foi ocasionada pela teimosia do filho de TR, Kermit, em seguir as ordens de Rondon para que ele e seus dois remadores esperassem em determinado ponto do rio enquanto ele seguia em frente para averiguar as condições do trecho encachoeirado pelo qual passavam. Por querer seguir em frente, Kermit ordenou que os remadores prosseguissem, ao que alcançaram um ponto turbulento do rio e a canoa virou, matando o jovem Simplicio, que não conseguiu se salvar do afogamento.

A segunda morte foi ocasionada alguns dias depois por um dos camaradas, Júlio de Lima, a quem TR considerava um *completo imprestável*, e chamava-o de “vadio inato com o coração de um vira-lata feroz no corpo de um touro.” (MILLARD, 2007, p. 191).

Júlio foi pego pelo cozinheiro da expedição furtando comida. Foi delatado por França ao sargento Paixão, o qual foi repreendê-lo e neste momento ocorreu o assassinato. Segundo Millard, se dependesse da opinião do comandante americano da expedição, Júlio provavelmente teria sido fuzilado na hora: “Em uma expedição desse tipo, roubo de comida é um crime quase tão grave quanto assassinato, e deveria ser punido como tal.” (MILLARD, 2007, p. 247).

Ao ouvir o estampido do tiro, os membros correram para verificar o ocorrido e tomar providências. Júlio já havia corrido para o meio da mata para esconder-se e

não sofrer as consequências de seu ato. A visão de TR, conforme nos relata Millard, era de que:

[...] 'Júlio tem de ser encontrado, preso e morto', vociferou Roosevelt ao ver Rondon. 'No Brasil, isso é impossível', respondeu Rondon. 'Quando alguém comete um crime, é julgado, não assassinado.' Roosevelt não se convenceu. 'Aquele que mata deve morrer' disse. 'No meu país é assim.' Se encontrassem Júlio, argumentava Rondon, deviam aplicar as leis do governo brasileiro, não a justiça da selva. Rondon acreditava, conforme explicaria depois Amílcar, seu soldado e amigo fiel, 'que o criminoso deveria ser acolhido e alimentado, trabalhando em troca da comida que recebia, embora continuasse sendo um prisioneiro, à espera do contato com o mundo civilizado para ser então devidamente julgado'. Sempre pragmático, entretanto, Roosevelt achava que seria uma insensatez submeter todos a um homem perigoso e pedir aos camaradas que dividissem as parcas rações com um ladrão e assassino." (MILLARD, 2007, p. 278)

Qual a noção de civilização levada em conta neste trecho? A quem se aplicaria a noção de selvagem nesta ocasião? O colonizador, que tanto exalta a figura do colonizado como selvagem, mostra ele mesmo sua faceta mais cruel ao argumentar *que em seu país é assim* [que as coisas funcionam], e que deveria ocorrer uma reparação ao estilo *olho por olho*.

Mesmo advertido por Rondon de que, mesmo tendo um assassino entre eles, este deveria ser entregue ao governo brasileiro para que lhe fossem aplicadas as leis dos homens, e não as da selva, TR reluta em concordar com a sensatez do comandante brasileiro.

Em determinado trecho, TR chega a manifestar apreço por Júlio de Lima, na seguinte descrição:

Sob tais condições, o que há de maldade na natureza dos homens vem à tona. Neste dia uma tragédia estranha e terrível aconteceu. Um dos camaradas, um homem de puro sangue europeu, era o homem chamado Julio, de quem já falei. Ele era um camarada de muita força e tinha sido muito insistente em pedir para entrar na expedição. Ele tinha a reputação de ser um bom trabalhador. Mas, como tantos homens de posição mais elevada, ele não tinha ideia do que uma expedição como aquela poderia significar, e sob a pressão da labuta, sofrimento e perigo sua natureza mostrou suas verdadeiras profundezas do egoísmo, covardia e ferocidade (ROOSEVELT, 2008, p. 160. Tradução nossa)¹³

A despeito de sua simpatia pelas origens do camarada Júlio (*um homem de puro sangue europeu*), TR continua a colocar o colonizado *em seu devido lugar* que,

¹³ Under such conditions whatever is evil in men's natures come to the front. On this day a strange and terrible tragedy occurred. One of the camaradas, a man of pure European blood, was the man named Julio, of whom I have already spoken. He was very powerful fellow and had been importunately eager to come on the expedition. He had the reputation of being a good worker. But, like so many men of higher standing, he had had no idea of what such an expedition really meant, and under the strain of toil, hardship, and danger his nature showed its true depths of selfishness, cowardice, and ferocity.

na sua visão, é a de subalterno. Mesmo com origens européias, faz questão de constatar e exaltar suas piores facetas: egoísta e covarde. Naquela situação de extremo desconforto, em plena selva, em que os homens mostravam seu verdadeiro caráter, Júlio, aos olhos de TR, era tal qual a descrição de Fanon: “Derrotado, subalimentado, doente, amedrontado, mas só até certo ponto, tem ele, [...] sempre os mesmos traços de caráter: é um preguiçoso, sonso e ladrão, que vive de nada e só reconhece a força.” (FANON, 1979, p. 10). No entendimento de Roosevelt, mais uma vez, Júlio apenas confirmava a sua visão colonialista de que o colonizado é desvirtuado de valores morais, e, ao seu ver, deveria imediatamente ser morto para reparar seu erro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise destes trechos no presente trabalho, ainda que não compreendam a totalidade das observações preconceituosas do ex-presidente estadunidense sobre a Amazônia, seus povos, costumes e culturas, podemos observar como se entrelaçam os pressupostos das Teorias Pós-Coloniais com a visão que o colonizador tem da terra distante que visitou. Este retrato do ambiente amazônico, repetido por muitos viajantes que aqui estiveram antes e após Roosevelt, muito pouco ou em nada contribui para desfazer os mitos sobre a região. Conforme nos ensina Márcio Souza,

De tudo o que foi observado, relatado, dissecado, empacotado e despachado para as mais diversas capitais do mundo, pouco foi de grande valia para os habitantes da Amazônia. Suas vidas seriam modificadas, é claro, pelas conclusões desses homens da ciência, mas poucos foram os que se importaram, realmente, com a sorte dos nativos ou com o fato de já existir, pelo menos no alvorecer do século XIX, uma civilização tipicamente amazônica, amalgamada pelos sistemas coloniais com as sociedades tribais. (SOUZA, 2009, p. 163)

Ao ter sua terra saqueada pelo estrangeiro, que por interesses essencialmente usurpadores busca legitimar sua presença na Amazônia, o nativo apenas constata que não há mudanças no horizonte, apenas a degradação e a eterna roda do capitalismo – este sim, selvagem – a destruir despudoradamente os recursos naturais da região.

A crescente presença de organizações não-governamentais (ONG's) no ambiente amazônico revela que a ocupação estrangeira agora se dá na forma de discurso preservacionista. Disfarçando o velho conceito de exploração em uma nova roupagem, a de que é preciso mais que nunca resguardar as riquezas da Amazônia para as gerações vindouras, os novos colonizadores se utilizam destes disfarces para promover uma série de interferências na sociedade amazônica atual.

As ideias de Escobar, conforme citado anteriormente, sobre os limites de atuação dos conceitos de progresso e desenvolvimento abrem o debate. As diversas frentes de atuação dos países desenvolvidos implementaram políticas econômicas que desconsideraram o viver, o saber, a cultura e sentimento de pertencimento a um local. Citando como exemplo o caso da Colômbia, o que estava em questão eram, de fato, as riquezas da biodiversidade e bioenergéticas daquela região. O capital estrangeiro, utilizando-se de discursos em nome do progresso da região, busca desterrar as pessoas de seus locais de origem. Para o modelo vigente, quem quer

alcançar o progresso deve se enquadrar ao modelo de atuação da globalização, ou pode ser sugado pelas forças econômicas em questão. Portanto, caracterizam novas formas de colonização dos tempos modernos, e tais modelos podem e devem ser repensados de modo a adequarem-se a cada realidade dos envolvidos.

O velho discurso colonial repete-se para justificar as ações do imperialismo estadunidense no mundo. Ações praticadas no Iraque e Afeganistão, em pleno século XXI, nos mostram que, apesar de todas as barbáries cometidas em tempos passados contra tantas populações oprimidas, a história não parece ter ensinado lição alguma aos algozes. Conclamando para si a tarefa de levar civilização a todos os confins da Terra e abençoados por Deus para alcançar esta missão, nossa sociedade atual novamente testemunha atrocidades à moda antiga contra não apenas estes dois países, mas a quem quer que se oponha aos interesses ianques no mundo.

Said nos demonstra nesta afirmativa como esta guerra parece não ter fim: “Todos os impérios que já existiram, em seus discursos oficiais, afirmaram não ser como os outros, explicaram que suas circunstâncias são especiais, que existem com a missão de educar, civilizar e instaurar a ordem e a democracia, e que só em último caso recorrem à força.” (SAID, 2007, p. 17). O que mais incomoda, ainda em suas palavras, é que a realidade se mostra tão intensamente cruel que os intelectuais do governo afirmam que as suas intervenções constituem o mais absoluto benefício, contrariamente ao que os olhos constatarem, que é a morte e destruição de povos e nações. Tais atitudes são tão inconcebíveis que mal podemos acreditar que elas continuam acontecendo no tempo presente, e sendo justificadas com a mesma retórica de séculos passados.

Césaire finaliza com uma tentativa de consolo aos povos oprimidos: há sempre uma esperança de desvencilhar-se do seu algoz: “Meu único consolo é que as colonizações passam, que as nações só dormitam por algum tempo e que os povos permanecem. [...] Ninguém sabe a que estágio de desenvolvimento material chegariam estes mesmos países sem a intervenção europeia”. (CÉSAIRE, 2010, p. 36).

Também é a esperança dos povos amazônicos que a ganância em extrair as riquezas naturais e o desejo das potências mundiais em apoderar-se das reservas minerais estratégicas cessem. É de conhecimento dos governos a atuação das mais variadas ONG's, que atuam na Amazônia sob o discurso preservacionista, agem por

meio de espionagens – tal como os antigos cientistas – e do convencimento das populações indígenas de manter a posse de suas terras. A verdade por trás disto é que estas ONG's buscam manipular os indígenas de modo a posteriormente obter o domínio da região – o exemplo mais claro desta situação é a Reserva Raposa Serra do Sol, a qual abriga a maior reserva de nióbio do planeta e é alvo de constantes disputas pela terra. Para tanto, seria necessário que o governo brasileiro protegesse mais a região amazônica e garantisse a soberania nacional, de modo a evitar estas novas formas de colonização em um futuro não muito distante.

5 REFERÊNCIAS

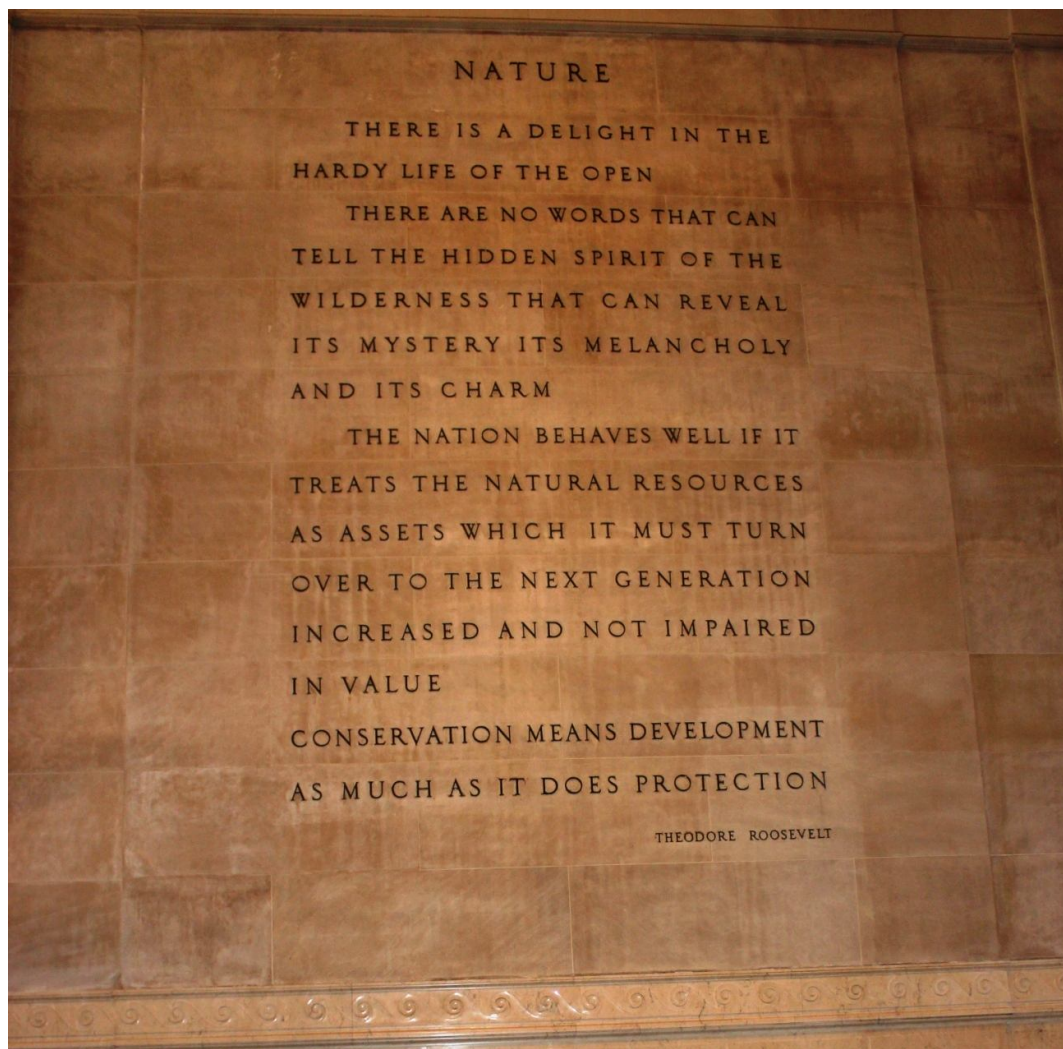
- BESCHLOSS, M.; SIDEY, H. The White House. **Site da Casa Branca**. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/about/presidents/theodoreroosevelt/>>. Acesso em: 23 Fevereiro 2013.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- COUTINHO, E. **Rondon: o civilizador da última fronteira**. Rio de Janeiro: Ólive Editor, 1969.
- COUTINHO, E. **Rondon: o salto para o desconhecido**. São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- DIACON, T. A. **Rondon**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Tradução de J.L. de Melo. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Roland Corbisier. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MILLARD, C. **O rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NENEVÉ, M. Uma visão geral sobre a Teoria do Pós-Colonialismo e sua contribuição para os estudos em educação. **Saber da Amazônia**, Porto Velho, v. 3, p. 156-167, Julho 2006.
- NENEVÉ, M.; GOMES, M. L. A descolonização em Mad Maria de Márcio Souza: o contra-discurso ao "progresso" na Amazônia. **REALIS - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PósColoniais**, v. 1, n. 2, p. 22-32, 2011.
- ORNIG, J. R. **My last chance to be a boy: Theodore Roosevelt's South American Expedition of 1913-1914**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1998.
- PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.
- RADOMSKY, G. F. W. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e a "emergência" de modernidades alternativas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 149-162, Fevereiro 2011.
- RONDON, C. M. D. S. **Conferencias realizadas pelo Coronel Candido Mariano da Silva Rondon Chefe da Comissão nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 no Theatro Phenix do Rio de Janeiro e referentes a trabalhos executados sob sua chefia pela Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal de Commercio, de Rodrigues e C., 1916.
- ROOSEVELT, T. **Theodore Roosevelt Association**. Disponível em: <<http://www.theodoreroosevelt.org/life/biogr.htm>>. Acesso em: 23 Fevereiro 2013.
- ROOSEVELT, T. **Nas selvas do Brasil**. Tradução de Luiz Guimarães Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.
- ROOSEVELT, T. **Through the Brazilian wilderness**. Blacksburg: Wilder Publications, 2008.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SOBREIRA, J. C. M. Olhares estrangeiros na Amazônia: "Nas selvas do Brasil" revisitado. Uma leitura crítica do relato de viagem de Theodore Roosevelt à Amazônia brasileira. In:

- NENEVÉ, M.; COOPER, M.; PROENÇA, M. **Olhares sobre a Amazônia/Looking at the Amazon**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- SOUZA, M. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.
- ZARUR, G. D. C. L. **O herói e o sentimento: Rondon e a identidade brasileira**. Brasília: Intertextos-Abaré/FLACSO, 2004.

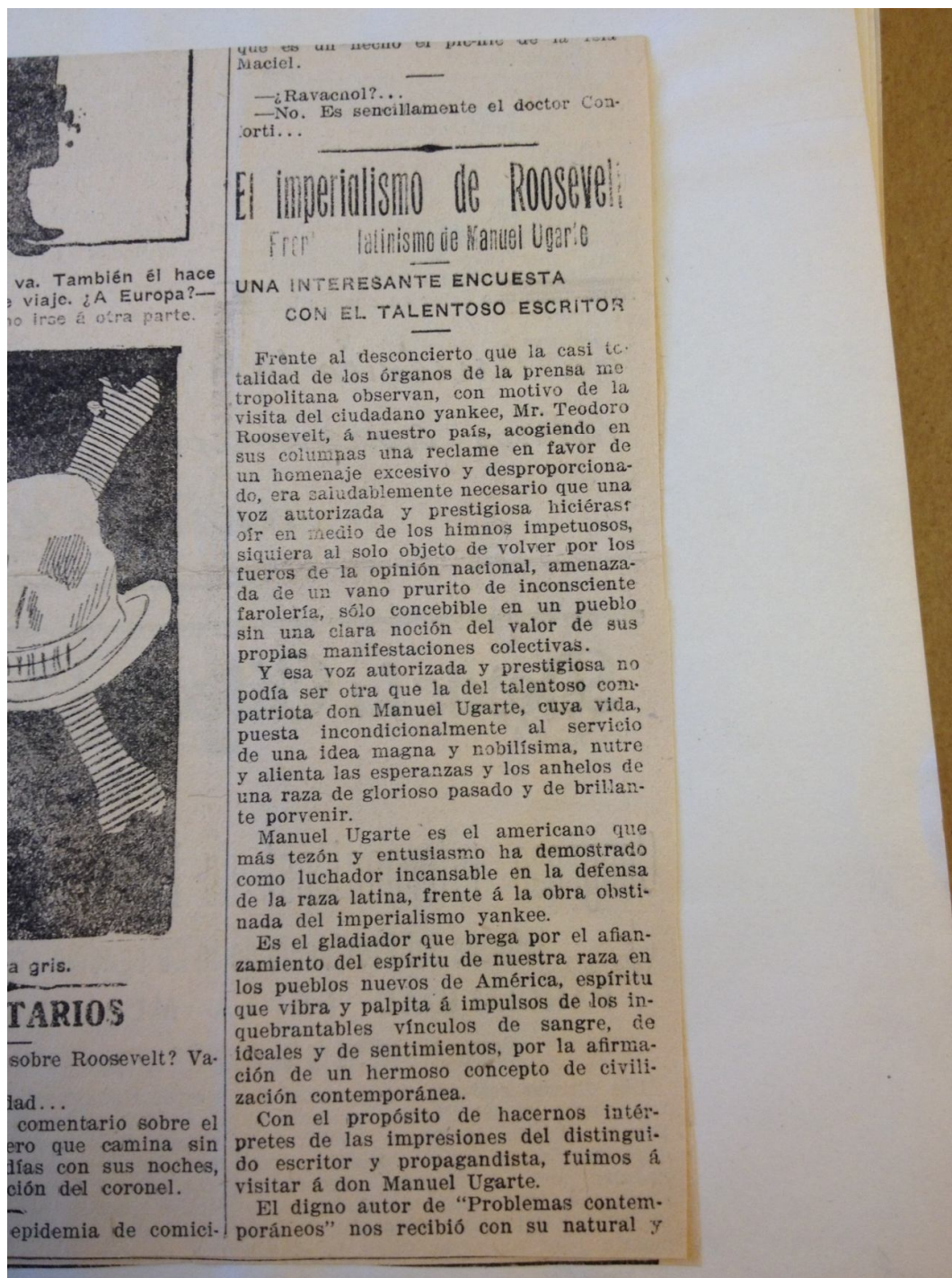
ANEXO



O famoso Big Stick, ou “Grande Porrete”, que originou o estilo Roosevelt de interferir nas políticas de seus vizinhos da América Latina.



Inscrição na parede do Museu Americano de História Natural, da frase de autoria de Theodore Roosevelt em relação à preservação da natureza.



Primeira parte do jornal de Buenos Aires criticando a visita de Roosevelt à Argentina.
Continua...

exquisita gentileza y prestóse espontáneo a nuestros deseos.

—¿Qué opina usted—le dijimos—de la naturaleza del recibimiento y de las fiestas que se preparan en homenaje del incansable predicador de la doctrina de Monroe, vale decir, de la política de predominio y expansión norteamericana?

—Pienso que ello es lamentable y acusa una falta de buen criterio, máxime en los actuales momentos en que México, nuestra hermana latina del norte, lucha desesperadamente contra las pretensiones absorbentes del formidable enemigo.

—Es que, en materia de homenajes a Mr. Roosevelt,—objetamos con amagos de ironía—la Argentina no puede ser inferior al Brasil...

—A propósito quiero leerle un telegrama que acabo de recibir de un distinguido literato colombiano, Max Grillo, encargado de negocios de su país en Bolivia. Dice así:

"La tierra de Nabuco recibió triunfalmente al nuevo Pantagruel. ¿Hará lo mismo la patria de Andrade?"

—Pantagruel?... y por qué no nuevo Tartarin?...

—Cuando llegaban a las repúblicas por las cuales yo me encontraba viajando, hace algunas semanas, las noticias pomposas de los agasajos que se preparaban al señor Roosevelt en Buenos Aires, me parecía que la Argentina se inclinaba bajo una racha de locura. Al volver a la capital he visto que el mal está localizado en un pequeño núcleo que se agita y hace mucho ruido, pero que no representa en ningún modo la opinión del país.

—Sin embargo se afirma que los agasajos tendrán un carácter colectivo y entusiastamente popular...

—Sería doloroso que así fuera. Pero, no obstante la opinión nacional, que no puede incurrir en la torpeza de ofrecer semejante espectáculo, dadas las noticias ditirámicas que, a este respecto, se transmiten al extranjero para estimular recepciones en otras ciudades, se puede afirmar que la Argentina se está poniendo en ridículo. El proyecto de hacer cantar a los niños el himno norteamericano, la "manifestación popular" que se piensa realizar, etc., tienen que hacer sonreír en unas repúblicas y hacer llorar en otras.

—¿Cree usted, señor Ugarte, que ello tendrá tanta resonancia en los países de la América latina?

—Cuando los colombianos sepan que la República Argentina endiosa al hombre que ha tenido el cinismo de decir "yo tomé a Panamá"; cuando los mejicanos se enteren de que rendimos tributo de admiración al que inventó el imperialismo que hoy los aniquila; cuando en Nicaragua, en Cuba y otras naciones americanas vean la genuflexión gigantesca de un gran país de ocho millones de habitantes ante el personaje que pregona la política del "big stick"—ley del garrote—tiene que haber en muchos labios

una maldición para el destino que hace que las grandes fuerzas se pongan al servicio del mal....

—Los organizadores de la recepción y de los festejos—insinuamos nosotros—manifiestan que Roosevelt "es uno de los más grandes demócratas contemporáneos, y el prototipo del verdadero y sano carácter republicano"...

—Cualquier norteamericano puede ser bien recibido por nosotros menos Roosevelt; porque Roosevelt que, entre paréntesis, no representa la nacionalidad norteamericana, puesto que ha sido desautorizado por la prensa y por el sufragio universal de su país, es el hombre que ha hablado siempre con el más supremo desprecio de toda la América latina.

Don Manuel Ugarte nos muestra luego una serie de proclamas y periódicos de varios países, donde se condena enérgicamente las pretensiones yankees de imperialismo y protectorado, por ser ello atentatorio a la soberanía de los pueblos constituidos democráticamente, y por cuya integridad afirmase con valentía el patriótico propósito de bregar fuertes y altivos, desafiando al enemigo de la independencia y de la libertad republicanas, como el roble desafia las tempestades de las montañas...

Un importante diario de México, "El País", importante por su autoridad y su difusión, en su número del 10 de septiembre del corriente año finaliza un artículo interesantísimo con el siguiente párrafo:

"Sí; hay que decirlo tristemente: tres repúblicas hermanas, tres grandes pueblos latinos que piensan y sienten como nosotros, que viven con el mismo ideal, que alientan las mismas esperanzas, se alían rompiendo viejas tradiciones de sangre y de cultura. El Brasil, la Argentina y Chile en vergonzosa entente con los Estados Unidos, no reconocen aún el gobierno de México. No culpamos por ello al pueblo de esas naciones hermanas, sino a sus gobiernos que, sin duda, tuercen y contradicen el deseo de la opinión".

Dimos por concluida nuestra entrevista con el estimado compatriota y, al despedirnos, nos dijo:

—Yo tengo confianza, a pesar de todo, en la sensatez del pueblo argentino; y espero que no daremos a las repúblicas fraternas que nos observan, el vergonzoso espectáculo de que habla "El País" de México. Un sagrado deber de solidaridad así lo reclama, así lo exige.

Todos los colegas se desviven por publicar hoy un autógrafo de Thed. Creemos de mayor urgencia y de mejor patriotismo, insertar este de Manuel Ugarte, frente a la doctrina de Yanquilandia:

*La América latina para los
latino americanos*

El Artículo de Hoy TEODORO ROOSEVELT

Por Samuel Linnig.

Pocos hombres responden tan directamente a una época y a un medio como Teodoro Roosevelt. El ex gran presidente de los Estados Unidos, ofrece a los ojos de un ideólogo moderno una apasionante expresión de psicología, encerrada en el círculo abstracto y desconcertante que forman fusionados en un hombre la inteligencia activa, el intelectualismo y el carácter. Virtud práctica, el carácter domina en la obra de Roosevelt sobre cualquier otra fuerza especulativa. A pesar de su manifestada inconsecuencia sobre la política imperialista, que dió como resultado la independencia de Panamá y el dominio de los Estados Unidos sobre el famoso canal interoceánico, Teodoro Roosevelt es el hombre que mejor ha logrado traducir un propósito político o económico a la acción. Esta es la base y el prestigio de su fama. Pensando en un orden superior de individuos, Roosevelt produce la sensación—diré intelectual—del tipo dirigente de un medio histórico futuro, por la suma de condiciones con que responde a la moderna máquina del Estado.

Figura más representativa no tiene nuestro principio de siglo, dentro de la política económica. Roosevelt, que parece compartir con Carnegie el idealismo, un poco sentimental, en la "Sociabilidad Internacional, al amparo de un tribunal permanente de Paz, ha solidificado con su palabra y con la acción la extensiva doctrina de Monroe y el juego complejo de los intereses americanos, en tal forma que la tutoría económica de los Estados Unidos sobre los países de la América latina es un hecho futuro y muy próximo. La invasión lenta o violenta del capital yankee ha sido admirablemente preparada por este político que, conservador—diré—dentro de su país, contuvo una crisis interna futura con la ley de los "trusts". Con esta hábil manobra económica, Roosevelt ha preparado la invasión del dólar sobre Sud América, pensando en la fuerza expansiva del capital y en la aridez de un continente cuya verdadera riqueza está inerte. La prédica entusiasta que el gran hombre de Estado pueda hacer en la América latina, invocando la confraternidad continental, la comunidad de intereses, la necesidad de paz, el fomento del comercio y de las industrias, o bien estudiando nuestro medio sociológico o bien nuestras necesidades económicas, gico y nuestra fuerza y hasta, si es pretendrá toda la fuerza y nobleza de su palacio creario, toda la nobleza de su gran obra honrada puesta en boca de acción por observador de pueblos, pero la acción política de los Estados Unidos, tan admirablemente determinada por el mismo estadista que nos dirá estas cosas, las demostrará como una fuerza ciega y lenta. La América latina, cuya ciencia de gobierno es una trivial política de antecédentes, sólo puede combatir la acción de marea, sólo puede oponiendo a la política los Estados Unidos la política económica, económica la política económica, cerrando sus parlamentos beneficios de su dólar y a los fabulosos beneficios de su dicatos, como el Fairquard, que contiene todos los elementos propicios a un verdadero imperialismo económico.

El presidente Roosevelt en su famoso mensaje sobre los "trusts" manifestó que su campaña no tenía por fin un propósito económico sino un principio de ética, pura y simple; no combatía la extorsión al capital sobre el capital, sino su efecto sobre la sociedad: la anomalía, el abuso, el delito que significaba el "trust" frente a la ley. Este profundo concepto democrático sostenido con toda la fuerza de un carácter excepcional como el de Roosevelt, puso las finanzas de los Estados Unidos al borde de un "crack" ante el cual el estadista no vaciló. En esencia, para un gobierno económico como el de la República del Norte, el formidable poder de los "trusts" en antagonismo, significaba para el político, varios estados dentro de un estado, y esto fué lo que, amparado hábilmente bajo la razón de ética, supo quebrar Teodoro Roosevelt.

El gran ciudadano de los Estados Unidos, vencido en las últimas elecciones por Woodrow Wilson—apesar de sus quince millones de votos,—es sin duda uno de los más grandes héroes civiles que tiene el pueblo de la Unión y el más directo sucesor del presidente Lincoln. Su fuerza viva está en el carácter con que afronta los problemas más peligrosos que surgen en la administración del Estado y en las relaciones internacionales. En el Roosevelt económico y estadista, se confunde el sociólogo, que sólo ve en el panamericanismo—según se desprende de su prédica—el mejor sistema para llegar a una civilización autóctona, eminentemente nueva, profundamente americana; a una civilización científica: de la política hacer un factor sociológico, positivo y determinante.

La América latina que admira el temple y la inteligencia de este gobernante excepcional, acompaña con simpatía su acción política y sus propósitos de sociólogo, pero vuelve los ojos hacia el Norte con desconfianza, pues tiene sobradas razones para dudar de aquellos que en el futuro recogerán su herencia. ¿Qué empleo harán de ella? ¿Persistirá en la mente de los futuros gobernantes de la Unión, el sofisticado concepto con que se interpreta la doctrina de Monroe? ¿Continuará los Estados Unidos arrogándose para sí el exclusivo derecho de intervención, sin consentirlo a las naciones de América que personas por esa especie de reconocidas que resurgió en la Haya? Es difícil saber dónde termina la conveniencia del hombre político—que ha tenido veledades imperialistas tan eficaces como la de Panamá—y dónde comienza la sinceridad del sociólogo que se propone una obra de tal grandeza.

La prevención de la promesa sudamericana, en cualquier forma, se justifica; y a los gobiernos les corresponde desarrollar una política prudente y conservadora que evite el peligro del Norte. Aun bien interiorizado, un hombre por grande y poderoso que sea no es una garantía, y mucho menos en materia de política internacional. Roosevelt, a pesar de sus palabras, ha contribuido al imperialismo Monroe, mostrándose dentro de la política exterior de los Estados Unidos, tan tradicionalista como cualquiera de sus antecesores. Y esta fuerza que el aumento con sus primeras acciones de gobierno, puede ser superior al profesor de no, puede ser superior al profesor de energía, al hombre de carácter y al sociólogo práctico que América y Europa reconocen en él.

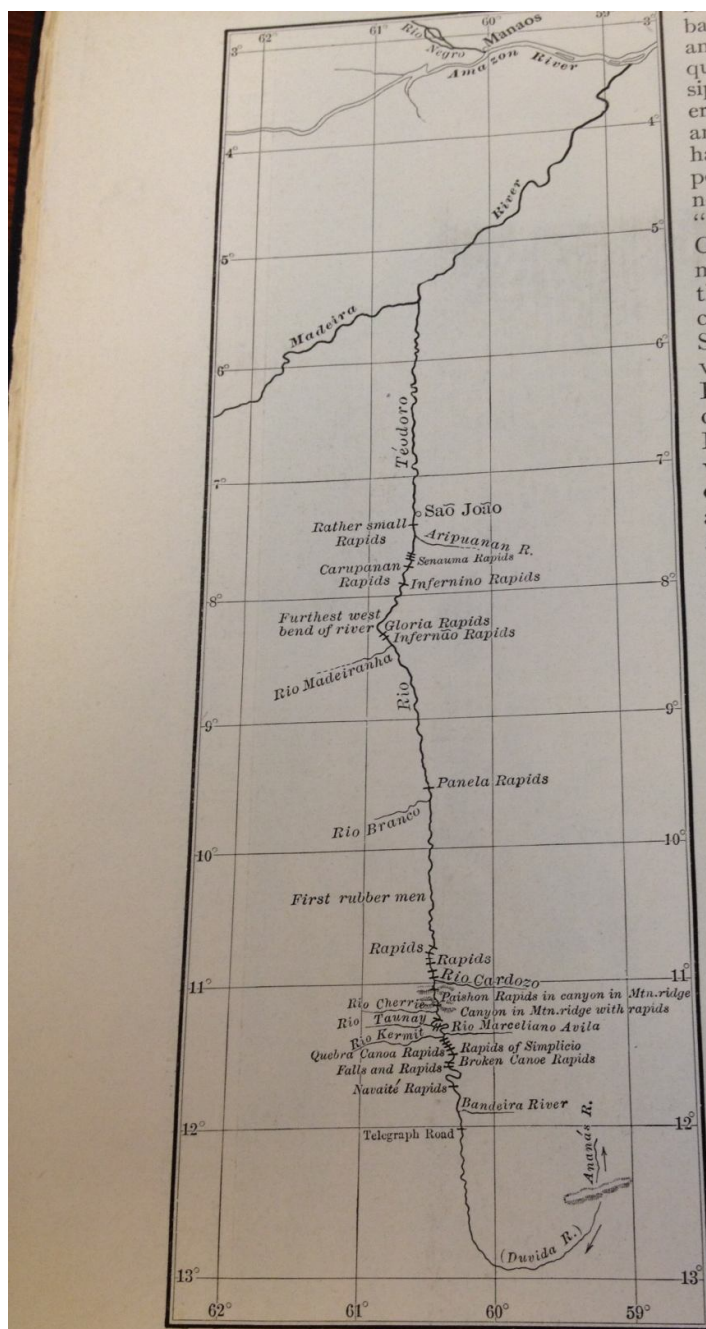
N. de la D.—CRITICA, en este número que con un poco de ironía podría llamarse "edición Roosevelt", expresa bien a las claras qué opinión le merece el imperialismo yanqui, simbolizado en este momento por su más genuino representante, el señor Roosevelt. Sin embargo, acoge en "El artículo de hoy" una opinión propicia al ilustre cazador de leones.

Vaya esta aclaración, a manera de promesa de nuestra conducta futura en lo que a la política industrial de yanqui-

Houghton Library.
Reference only.
Do not duplicate.

Samuel Linnig

O segundo artigo de um jornal argentino criticando a chegada de TR a Buenos Aires e a sua postura em seus tempos de presidente.

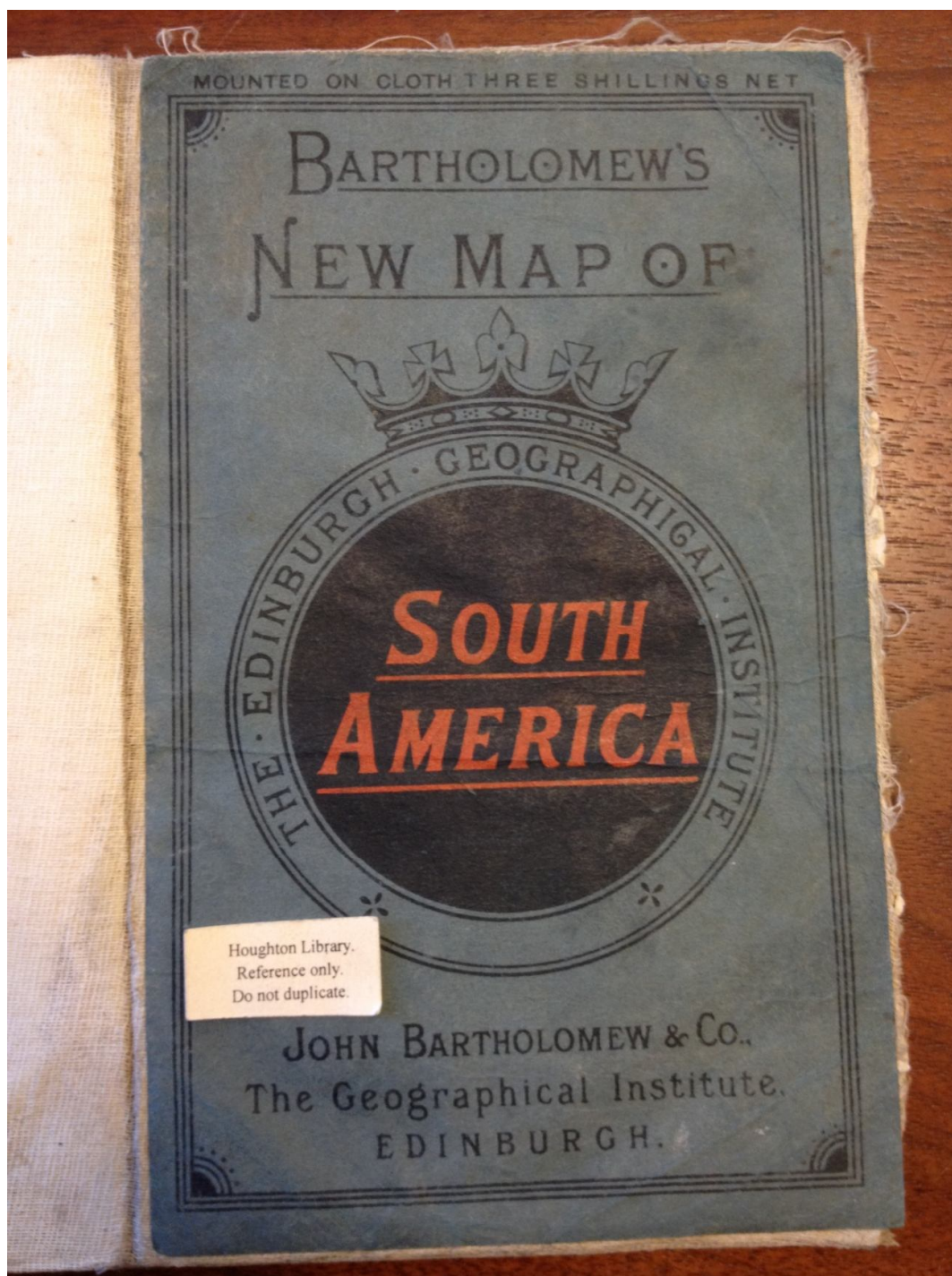


Sketch map of the unknown river christened Rio Roosevelt, and subsequently Rio Téodoro, by direction of the Brazilian Government.

backwoodsmen who and a quarter ago they began the conquest of the great basin of the Mississippi; the part played by the Boer farmers for over a century in South Africa and by the Canadians when less than half a century ago they began to take possession of their Northwest. Even now and then some one says that the "last frontier" is now to be found in Canada or Africa, and that it has most vanished. On a far larger scale this frontier is to be found in Brazil as big as Europe or the United States—and decades will pass before it vanishes. The first settlers came to Brazil a century before the first settlers came to the United States and Canada. For three hundred years progress was very slow—Portuguese colonial government at that time was almost as Spanish. For the last half-century and over there has been a steady increase in the rapidity of the rate of development; and this increase has to be constantly more rapid in future.

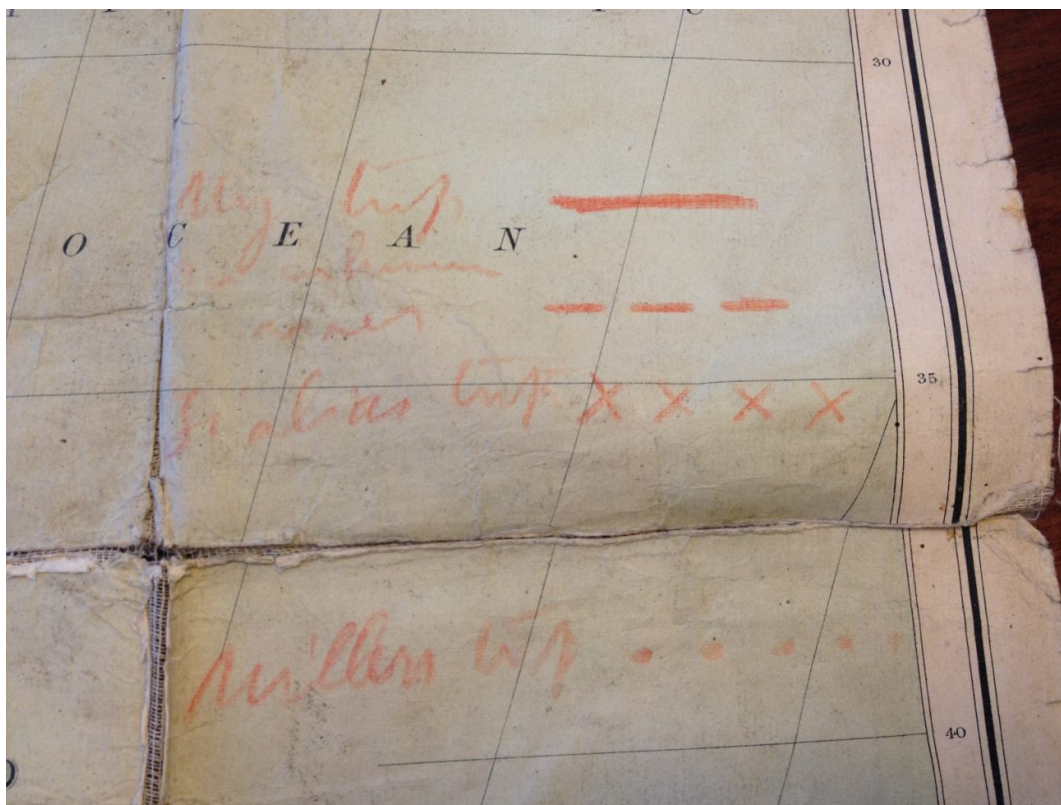
By mid-forenoon on April 26 we passed the last dangerous rapids. Paddles were plied with hearty will, Cherrie and Kermit, working like the camaradas, and the canoes went dancing down the rapid river. The equator crowded on either hand to the edge; and, although the river was high, it was still so high that places little islands were only submerged, and the current among the trunks of the great trees. At one o'clock we came to the Castanha proper, and the tent of Lieutenant Pyralis, the flags of the United States and Brazil flying before it; and, with the canoes and the soldiers moored at the landing, a soldierly, well-kept camp. Aripuanan, a river of about the same volume as the Cardozo, broader at this point, and less length, here joined the

O mapa do Rio da Dúvida, na publicação dos artigos de Roosevelt para a Scribner's, em 1914. Nela estão traçados os paralelos e os rios afluentes do Dúvida, de acordo com os cálculos da expedição.



Mapa utilizado durante a viagem, possivelmente o mapa pessoal de Theodore Roosevelt.

Traçado do trajeto percorrido pela Expedição Roosevelt-Rondon



No mapa está escrito “Minha viagem, viagem de Fiala, viagem de Miller”, e o modo como estão representadas no mapa.